



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

novembro-dezembro de 2012



Exemplar avulso: R\$ 10,80



Um modelo para o louvor congregacional

Jesus: o tudo e o todo, p. 5

Pastoreando na luz, p. 25



O amor sempre vence

Um amigo pastor me confessou: “Alguns dos meus maiores erros são cometidos quando estou certo.” Tenho percebido que, algumas vezes, isso também acontece comigo. Não raro, durante o tempo que passo com Jesus, Ele tem que me reprovar pela minha maneira de tratar alguém cujas crenças ou conduta eu tento corrigir. O Senhor me faz entender que, embora eu possa estar certo a respeito dos fatos, tenho errado no tom e no espírito não cristão das advertências, ou no modo pelo qual espalho rumores sem conferir na fonte a veracidade dos fatos.

Quando Satanás introduz um falso ensinamento entre o povo de Deus, ele usa algumas estratégias para nos afastar da vontade do Senhor. Aqui estão algumas delas:

O falso ensinamento. A primeira estratégia do inimigo é iludir o povo com o próprio ensinamento. Muitas vezes, trata-se de uma imitação dissimulada, contendo alguma verdade, mas incluindo um erro devastador. Nossa única segurança está em estudar profundamente os escritos inspirados. “À lei e aos mandamentos! Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz!” (Is 8:20). Deus prometeu que o Espírito Santo nos guiará a toda a verdade (Jo 16:13).

Temor do ensinamento. A segunda estratégia é procurar levar um maior grupo de conscienciosos crentes a se desviarem. Eles ficam tão temerosos diante da falsidade que perdem as grandes verdades essenciais ao crescimento espiritual. Ficam tão obcecados com o falso ensino que, à medida que buscam intensamente advertir outras pessoas, acabam contribuindo para levá-las ao afastamento das verdades vitais que Deus quer compartilhar com elas.

Abordagem inadequada. “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado” (Gl 6:1). Ainda que estejamos certos a respeito dos fatos, se estivermos errados no espírito com que abordamos as pessoas, poderemos causar-lhes grande mal. Ellen G. White fala da necessidade de equilíbrio:

“Quer estejamos combatendo erros ou advertindo transgressores, jamais devemos abrir mão do amor”

“A preciosa verdade deve ser apresentada em toda a sua genuína força. Os erros disseminados, e que estão levando o mundo cativo, devem ser revelados. Todo esforço possível está sendo envidado para enganar as pessoas com sutis raciocínios, para levá-las da verdade às fábulas e prepará-las para fortes ilusões. Mas, embora essas pessoas enganadas troquem a verdade pelo erro, não lhes devemos dirigir palavras de censura. Busquemos mostrar a elas o perigo, revelar-lhes quão grave é seu curso de ação em relação a Jesus Cristo. Porém, que tudo seja feito com misericordiosa ternura. Por meio de uma abordagem apropriada, algumas pessoas enganadas por Satanás podem ser resgatadas de seu poder. Mas não as acusemos nem condenemos. Ridicularizar a posição sustentada por aqueles que estão em erro não abrirá seus olhos cegos nem os atrairá para a verdade.

“Quando perdemos a visão do exemplo de Cristo e não imitamos Sua maneira de ensinar, tornamo-nos autossuficientes e passamos a agir segundo a maneira de Satanás” (*Counsels to Writers and Editors*, p. 62).

Falso testemunho. Em nosso zelo para expor falsos ensinamentos, muitos de nós podemos transgredir o nono mandamento (Êx 20:16). É muito fácil passar adiante os últimos rumores ou supostos fatos que rotulam alguém como falso mestre, quando deixamos de conferir a fonte original das informações, desconsiderando o conselho de Cristo, relatado em Mateus 18.

Tática do silêncio. Onde quer que um falso ensinamento seja disseminado, existe um perigo para todos nós: a recusa de falar sobre o assunto, pelo temor da controvérsia ou porque não queremos ser atacados. Entretanto, como cristãos e, especialmente, como pastores e líderes, temos a grande responsabilidade de amar nosso povo suficientemente para adverti-lo contra os perigos que podem arruinar sua vida espiritual.

Permanecendo em sintonia com Cristo, receberemos ajuda para combater falsos ensinamentos, sempre com Seu amor. ▀

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Fotos:

Capa - © Fotolia | Yuri Arcurs e Elnur

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e *Ministry*

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior; Eufracio Quispe; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 52,10

Exemplar Avulso: R\$ 10,80



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



Afinando o ministério da música

Na história do mundo e da humanidade, entre tantos eventos importantes, existem três absolutamente fundamentais que o relato bíblico apresenta marcados pela música. O primeiro foi quando o Criador “lançava os alicerces da Terra” e “as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam” (Jó 38:4, 7). No segundo, cerca de quatro mil anos mais tarde, alguns pastores cuidavam de seus rebanhos, à noite, enquanto meditavam na vinda do prometido Redentor. Nesse ambiente, foram surpreendidos pelo cântico angelical anunciando a materialização de seus anelos: “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens aos quais Ele concede o Seu favor” (Lc 2:14).

Finalmente, terminada a história do pecado do mal e da morte, os remidos vencedores foram mostrados a João, perfilados junto “a algo semelhante a um mar de vidro”, cantando “o cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro” (Ap 15:2, 3). Isso basta para entendermos a importância da música, o que faz soar paradoxal o fato de que algo revestido de tanta sublimidade, muitas vezes, tenha sido motivo de controvérsias na igreja. Porém, elas não precisam existir se, primeiramente, com oração e humildade, pastores e ministros de música buscarem a vontade divina e estiverem dispostos a praticá-la.

Falando em termos práticos, o exemplo de Davi, suave cantor e humilde harpista, nos ensina que, como pastores, precisamos ter conhecimento básico de música sacra e de seu uso no culto a fim de que possamos treinar e orientar ministros de louvor para nossas igrejas, e organizar esse ministério. O pastor tem grande influência na música do culto e da igreja em geral. O exercício dessa influência não se limita apenas a baixar decretos proibindo esta ou aquela música, este ou aquele instrumento, mas em escolher pessoas, treiná-las, orientá-las e com elas organizar o ministério do louvor.

Pastor e músicos não devem atuar de modo desafinado, mas em harmonia, juntos, para a glória de Deus e para que o evangelho chegue da maneira mais bela e inspiradora aos corações. De todos os envolvidos com o ministério musical da igreja, conforme disse Lida Knight (*Louvor Perene*, nº 72, p. 11), Deus requer total “dedicação a Ele, e não à música sacra ou à vocação de liderar a adoração.

“Se nossa dedicação for ‘à igreja’, ‘à música sacra’, ou ‘à causa do Mestre’, enfrentaremos o problema da vaidade ou, possivelmente, de complexo de inferioridade. Se nossa dedicação for a Jesus, estaremos tão ocupados em nos concentrarmos nEle, que nos esqueceremos de nós mesmos e do efeito que causamos nos outros. O musicista cristão que é cristocêntrico é abençoado e se torna um canal pelo qual as bênçãos de Deus fluem para os outros”.

“Assim... façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31). ▀

Zinaldo A. Santos

10 PAULO, VOCÊ E A COPA DO MUNDO

Exemplo do apóstolo nos ensina que o evangelismo não tem fronteiras.

13 OS DEZ MANDAMENTOS

É a lei de Deus uma coletânea de proibições ou de promessas?



Jocard

16 UM MODELO PARA O LOUVOR

Crerios que Davi utilizou ao estabelecer o ministério da música.

20 DIALOGANDO COM JEOVISTAS

Uma sugestão de abordagem para o trabalho com testemunhas de Jeová.

25 PASTOREANDO NA LUZ

A solução para nossas limitações pessoais no ministério.

28 ESPIRITUALIDADE BÍBLICA

Teólogo relata experiência pessoal de reavivamento.

31 ASCENSÃO E QUEDA DE UM LÍDER

O que podemos aprender da história de Ludwig R. Conradi.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“A tendência de nos referirmos aos pastores como empregados nos coloca sob a tentação de tratá-los como tais. Tratar o pastor como se ele fosse um vendedor de cotas a alcançar, faz surgir o mercenário contra o qual Cristo nos advertiu.”

Stanley Patterson

JESUS - o tudo e o todo



“Desde Adão até os nossos dias, seria cômico, se não fosse trágico, o resultado da experiência de pessoas que imaginaram poder viver sem Cristo”

por Diogo Cavalcanti

De acordo com John Stott, Jesus Cristo “é o centro da História”, que é dividida em um período anterior e outro posterior a Seu nascimento. “É o eixo das Escrituras”, a respeito das quais Ele mesmo disse testificarem a Seu respeito. É “o coração da missão”, considerando que não existe outro motivo pelo qual missionários “atravessam terras e mares, continentes e culturas”, senão o de compartilhá-Lo. De fato, em geral, as religiões não cristãs têm valores morais, princípios e es-

tilo de vida admiráveis. Mas Cristo é a diferença para a qual não há complementos nem substitutos. Ele é o tudo e o todo da vida e da experiência espiritual de todos quantos O aceitam. Essa singularidade da pessoa do Filho de Deus é apresentada de maneira inspiradora nesta entrevista concedida a Diogo Cavalcanti pelo pastor Amin Américo Rodor.

Nascido no estado do Espírito Santo, o pastor Amin é casado com a enfermeira Rita Rodor, de cuja união nasceram três filhos: Dianne (casada),

Luccas e Michel. Conta mais de 40 anos servindo à causa de Deus, boa parte dos quais como professor de Teologia do Unasp, campus 2. Antes de se dedicar ao magistério, pastoreou igrejas no Brasil, Estados Unidos e Canadá. Foi diretor do Departamento de Jovens Adventistas na Bahia e na União Sudeste-Brasileira. Obteve o doutorado em Teologia na Universidade Andrews. É também autor do livro *O Incomparável Jesus Cristo*, recentemente lançado pela Imprensa Universitária do Unasp.

Ministério: Para o senhor, quem é Jesus Cristo?

Amin: De acordo com a declaração de Ellen G. White, Ele “é um irmão em nossas fraquezas, não em possuir idênticas paixões”. Impressiona-me Sua singularidade – é um conosco, mas não um de nós – é o *Monogenes* de Deus (Jo 3:16). Impressionam-me Seus métodos, que passam por cima de tudo o que nós consideramos importante: aparência, poder, dinheiro, posses, cargos. Nunca Se valeu da propaganda para Se afirmar. Não impõe nada a ninguém. Nunca “dourou a pílula” para ser aceito. Ele dispunha de apenas pouco mais de três anos para executar a maior missão de resgate do Universo, mas esteve sempre disponível para quem O buscasse. Os evangelhos narram que Jesus Se movia com extraordinária majestade e compostura. Não organizou partido político nem Se valeu de estratégias, “vitrines” disfarçadas para Se promover ou criar visibilidade. Em Seus dias, diversas alternativas sectárias estavam à disposição: os fariseus, extremistas religiosos do judaísmo; os sofisticados e acomodados saduceus; os fisiologistas herodianos, parasitas do poder; os zelotes, radicais revolucionários, ou os escapistas essênios. Porém, Jesus não Se filiou a nenhum desses grupos. Manteve-Se distante. Ele tinha Sua própria ética de serviço e amor. Esses mesmos “guetos” continuam disponíveis hoje, com outros nomes. Dos perfeccionistas, defensores de uma noção patológica de santidade, aos revolucionários e subversivos “zelotes dissidentes”. Mas o ensino e a conduta de Cristo nos advertem que essas não são alternativas legítimas. Creio que ninguém que esteve com Ele tenha saído sem ficar intrigado com esse surpreendente Jesus. Ninguém poderia inventar

uma pessoa como Jesus Cristo. Ele está acima dos mais altos voos da imaginação humana.

“Jesus Cristo é como o sol: aquece, ilumina e transforma. Sem ele, a vida seria impossível”

Ministério: Em que termos o senhor descreve a maneira pela qual Ele tratou as pessoas?

Amin: Para Jesus, todas as pessoas têm o mesmo valor. Ele trata aleijados, cegos e leprosos como príncipes. Em Seu sermão programático (Lc 4:16-30; 7:22), os necessitados são objeto primário do interesse de Jesus. Ao realizar Seu ministério na Galileia, Ele frequentemente aparecia cercado pelos desclassificados de Seus dias, vistos como “irreligiosos”. Pessoas doentes, mulheres e crianças, e uma enorme formação social, conhecida como “o povo da terra” que Ele viu com grande compaixão, “porque andavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9:36). Pense no caráter humano de uma afirmação dessa natureza, que chega a nos comover. Há algo mais: Para Seu núcleo inicial, Ele não escolheu nenhum rabi, fariseu, saduceu ou sacerdote; ninguém do estabelecimento religioso, mas escolheu pescadores, coletores de impostos e camponeses comuns. Isso parece ter sido um golpe devastador no institucionalismo da época, que se havia corrompido bastante. Jesus desmascarou a nobreza religiosa de Seu tempo, declarando-a hipócrita, expôs a apostasia que a caracterizava e repreendeu publicamente os líderes pela bancarrota espiritual

de sua religião. Porém, devemos ter em mente que, ao receber os menos prováveis, Cristo deixava claro que todos são convidados. Ele como que dizia: “Se posso trabalhar com esses, posso trabalhar com você também”. Nenhuma pessoa é excluída, a menos que se exclua.

Ministério: Nesta vida, podemos ser perfeitos como Cristo foi perfeito?

Amin: Precisamos ter em mente que a verdadeira justificação não diminui o imperativo da santificação ou perfeição bíblica. A mesma graça que traz salvação permite vitória sobre o pecado. Assim, não paira nenhuma dúvida quanto ao chamado divino à santificação, sem a qual ninguém verá Deus (Hb 12:14). Porém, desde M. L. Andreasen, predomina entre grupos radicais do adventismo a ideia de uma geração que alcançará impecabilidade absoluta; um retorno à condição do Éden, antes da vinda de Cristo. Aliás, essa experiência é vista como condição para a segunda vinda de Jesus. Entretanto, santificação não pode ser confundida com glorificação, porque aí ela se torna patológica. Defende-se essa ideia, usando-se equivocadamente textos de Ellen G. White, fora do contexto histórico e teológico, apontando-se nesses textos significados que eles não apresentam. Muitos parecem estar competindo com Cristo, como se a salvação fosse por imitação. Outros falam sobre “vencer como Cristo venceu”, esquecendo-se de que nós não vencemos como Cristo venceu, mas *porque* Ele venceu. Há pessoas que julgam dever acumular um excesso de justiça, para um tempo específico, quando estarão dependendo do valor próprio, do próprio poder, independentemente de Cristo. O perfeccionismo transformou o desenvolvimento do caráter num substituto de Cristo. Essa teoria

é um grosseiro engano, porque nega um conceito bíblico fundamental, isto é, a essência do cristianismo é ligação com Cristo. Ele mesmo disse: “Sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5). Desde Adão até nossos dias, seria cômico, se não fosse trágico, o resultado da experiência de pessoas que imaginaram poder viver sem Cristo.

Ministério: *Na verdade, essa não é uma tendência nova.*

Amin: Exatamente! Nos dias de Cristo, havia no farisaísmo várias expressões desses “santos”. Havia os “fariseus de ombreiras”, vaidosos por causa de seus feitos, ou os “fariseus corcundas”, simulando humildade, mas também vaidosos das próprias realizações. Curiosamente, os antepassados do perfeccionismo consideravam Jesus “liberal” ou “irreligioso”, por desconsiderar todas as regras e minúcias da religiosidade superficial deles. Os fariseus de hoje não são muito diferentes. Eles confundem verdadeira santificação com estilo de vida. De acordo com Ellen G. White, “na vida que se centraliza no eu não pode haver crescimento nem frutificação... Recebendo o Espírito de Cristo – o espírito do amor abnegado e do sacrifício por outros – crescerão e produzirão fruto. As graças do Espírito amadurecerão em seu caráter... seu amor será mais perfeito. Mais e mais refletirão a semelhança de Cristo em tudo que é puro, nobre e amável” (*Parábolas de Jesus*, p. 67, 68). Ela diz mais: “A perfeição do caráter cristão é alcançada quando o impulso de auxiliar e abençoar outros brotar constantemente do íntimo” (Ibid., p. 384). Ao falar da última mensagem a ser proclamada, Ellen G. White nada mencionou em termos de estilo de vida farisaico. Para ela, “os últimos raios da luz misericor-

diosa, a última mensagem de graça a ser dada ao mundo, é uma revelação do caráter do amor divino. Os filhos de Deus devem manifestar Sua glória. Revelarão em sua vida e caráter o que a graça de Deus por eles tem feito” (Ibid., p. 415, 416). Desconcertantemente para os perfeccionistas, reprodução de caráter nada tem que ver com suas ênfases legalistas.

Ministério: *De que maneira corremos o perigo de distorcer o conceito de justificação pela fé?*

Amin: Temos enfatizado tanto a expressão “justificação pela fé”, que acabamos perdendo de vista que o elemento central da justificação não é a fé, mas a graça. Muitos têm fé na fé, ou pensam que a fé é algo que eles têm que produzir. A fé é apenas o instrumento pelo qual nos apropriamos da justiça de Cristo. Escrevendo aos efésios, Paulo esclareceu: “Vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus” (Ef 2:8). Assim, o fundamento da justificação é a graça, não a fé. A fé não é autogerada, ela também é um dom. A fé não vale por seu tamanho, mas pelo seu fundamento: Jesus Cristo. A fé não é meritória em si mesma. Como Ellen G. White afirmou, “pela fé recebemos a graça de Deus, mas a fé não é nosso salvador”.

Ministério: *Fale um pouco mais sobre a liderança servicial de Jesus Cristo.*

Amin: Jesus Se recusou a aceitar as normas mundanas, precárias, de sucesso e grandeza. Em Lucas 22:24-26, Ele respondeu aos discípulos que desejavam ocupar lugares à direita e à esquerda em Seu reino, símbolos de posição e honra, dizendo que são os gentios que se comportam dessa maneira. A palavra “gentio” nesse texto é o termo técnico utilizado para se

referir aos “pagãos”. Em outras palavras, a busca de lugares de honra é um princípio pagão. “Mas vocês não serão assim”, é Seu extraordinário desafio. Para Jesus, grande não é quem recebe honras e aclamações, não é aquele que “manda”, mas aquele que serve e ministra. O exemplo e estilo de liderança de Jesus, em Sua breve visita ao planeta Terra, marcaram para sempre a vida de milhões de pessoas que O aceitaram. Em apenas três anos e meio de vida pública, Jesus Cristo modelou os princípios vitais da liderança. Ele não tinha trono, servos, guarda-costas nem exércitos. C. S. Lewis observa que, enquanto permaneceremos obcecados por pertencer ao “círculo do poder”, permaneceremos “externos”, fora do reino de Deus.

“Não vencemos como Cristo venceu, mas porque Ele venceu”

Ministério: *Qual é sua mensagem especial para os leitores?*

Amin: Jesus Cristo é o grande emancipador da História. Ele não apenas nos liberta da servidão da nossa natureza caída, mas dos nossos medos, superstições e receios; liberta-nos das dependências bizarras. Ele nos liberta das tiranias e máscaras humanas, das nossas idolatrias, do governo precário de nossas alegrias incompletas. Cristo nos liberta da cultura, cheia de ídolos e modismos ridículos. Ele nos ajuda a ver o que está por trás de toda sorte de aparências. Perdê-Lo significa ser reduzido ao nível do nada absoluto! Jesus Cristo é o grande referencial. Ele é como o sol: aquece, ilumina e transforma. Jesus é o centro. Sem Ele, a vida seria impossível. ▀



O poder da fala



Durante muito tempo, a tradição oral estabeleceu as relações sociocomunicativas, em que os povos transmitiam suas crenças e culturas, por meio de ensinamentos de geração em geração. Embora seja possível pensar que a escrita tenha condição superior à oralidade, por mitos de que seria o passaporte para a civilização e o conhecimento, de acordo com alguns estudiosos, pode-se também afirmar que a linguagem sempre definiu os papéis do ser humano na sociedade.

Com o advento da tecnologia digital, estamos diante da dicotomia entre a oralidade e a escrita, em que um

dos meios mais utilizados é o bate-papo virtual, com mensagens instantâneas com programas de troca de mensagens. O diálogo face a face é simulado por elementos visuais como caixa de fotografia ou de imagem, áudio, música e linguagem originários dos “emoticons” (ícones que transmitem estados de espírito).

Além da linguística

No entanto, o objetivo que nos move neste artigo se afasta dos conceitos linguísticos e da tecnologia digital pura e simples. Analisaremos a linguagem do ponto de vista

daquilo que Deus deseja dos cristãos em todos os tempos, inclusive os da era digital, com relação à fala, dom recebido de Deus, contendo diferentes nuances da voz humana e de como podemos empregá-lo eficazmente para o bem.

Considerando que os seres humanos foram criados com equipamento genético que os capacita a se comunicar pela fala, especialmente entre os cristãos, a linguagem deve ser utilizada como ferramenta para convencer, persuadir, louvar a Deus e falar do amor redentor (*Parábolas de Jesus*, p. 335). Além disso, é natural esperar que o falar dos cristãos seja “agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um” (Cl 4:6).

Deus requer de todo cristão o cultivo da fala, livre de tons altos e agudos estridentes aos ouvidos, ou do falar inexpressivo, rápido e de forma incompreensível. É impressionante como Cristo tem interesse em que Seus seguidores cultivem a voz, e a fala, porque a Palavra de Deus e suas riquezas incalculáveis precisam ser expressas com perfeição (Ibid., p. 336).

Não é vontade de Deus que Suas verdades sejam entoadas, ditas de modo acanhado, inexpressivo e aviltante. Deve haver esforço diligente para que se cultive o falar em tom claro e sonoro. Afinal, a maneira pela qual a Palavra de Deus é apresentada pode levar à aceitação ou rejeição dela pelos ouvintes. É preciso que seja falada de tal maneira que impressione os corações.

Marca pessoal

Fomos criados por Deus como seres únicos, diferentes dos demais, a ponto de deixarmos registradas, pela qualidade da nossa voz, características pessoais quando falamos. Por meio da voz, nos primeiros cinco minutos as pessoas constroem uma imagem a nosso respeito, sobre nossa personalidade, nível cultural e, em alguns casos, condição espiritual.

A personalidade influi de tal maneira na voz que, segundo estudiosos, pessoas ansiosas falam com mais velocidade, ausência de pausas e impedindo a fala do outro. Ao empregarem articulação firme, sons mais graves e pouca expressão facial, as pessoas autoritárias permitem pouca intervenção do interlocutor. Pessoas mais tímidas e submissas falam baixo e o timbre de voz é mais agudo.

Pesquisas mostram que o tipo de educação e a convivência com outras pessoas também ajudam a moldar a voz. Então, como cristãos, é preciso que sejamos moldados por Cristo, para que tenhamos a tonalidade mansa e suave de Sua voz, em nossas relações familiares e interações sociais.

Nossa linguagem é carregada de sentimentos, expressões sonoras e entonação da voz, expressões de raiva e

alegria, amor e ternura, exclamações e interrogações. Por essa razão, quem não tropeça no falar é considerado “perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo” (Tg 3:2).

É certo que o domínio da língua é algo muito difícil para os seres humanos, porque as palavras de uma pessoa revelam a tendência natural de seus pensamentos. Quando falamos daquilo que reflete pureza, honradez e bondade, estamos no caminho certo para a semelhança com Cristo.

Morte e vida

A língua é má somente quando regida pelas forças do mal. Quando não permitimos que o Espírito Santo governe nossos pensamentos, portanto, nossas palavras, a língua funciona como instrumento do mal. Nessas

condições, a censura pode ser expressa sem amor, com palavras que exasperam, funcionando como enxurrada de palavreado ofensivo, mesmo que professemos religiosidade.

Lembrando que “a língua tem poder sobre a vida e sobre a morte” (Pv 18:21), ela pode ser utilizada para difamar pessoas, levando-as à desonra. Aqueles que lhe dão rédeas soltas cometem grande dano que poderá recair sobre eles mesmos.

Podemos falar imprudentemente, usando maledicência, palavras frívolas e murmuração impertinente. Quando Paulo diz: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês” (Ef 4:29), significa que devemos mudar o curso de nossa conversação quando esta ferir os mais caros princípios da verdade, da religião pura e imaculada, livrando-nos de ideias impuras que contêm insinuações malévolas (Ibid., p. 337).

Porém, apesar de todos os contrastes negativos de uma linguagem regida pelo mal, e da afirmação bíblica de que nenhum homem é capaz de dominar a própria língua (Tg 3:8), em Cristo, existe poder para o alcance dessa experiência, através da renovação da mente (Rm 12:2). Sob o poder e a graça de Cristo, nossa língua pode ser instrumento do bem, da paz e da felicidade na comunidade em que vivemos. Podemos usar nossa linguagem, santificada pelo Espírito Santo, para restabelecer confiança, pacificação e amizade, ao bendizermos nossos inimigos, jamais proferindo maldições. Cristo advertiu: “Eu lhes digo que, no dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado” (Mt 12:36).

Entretanto, há beleza e suavidade em uma linguagem sábia, desprovida de afetação, pronta a dizer boa palavra ao cansado (Is 50:4). Afinal, é para isto que Deus conta com Seus seguidores, ou seja, que usem a linguagem da esperança, da alegria e da paz neste mundo prestes a perecer. ▀

“Cristo tem interesse em que cultivemos a voz e a fala, porque as riquezas da Palavra de Deus precisam ser expressas com perfeição”



Paulo, você e a copa do mundo

*Podemos e devemos tirar
proveito evangelístico dos
grandes eventos esportivos*

Desde que Oscar Bronner publicou, em 1962, um artigo sobre Paulo e os jogos ístmicos,¹ estudiosos do Novo Testamento concordam que a celebração desses jogos atléticos da Antiguidade teve papel preponderante na escolha de Corinto como parte do itinerário evangelístico do apóstolo. As festividades, marcadas por intensa e febricitante euforia e acompanhadas de ruidosas demonstrações de apego aos prazeres da carne, eram consagradas a Netuno, o deus do mar e dos cavalos, e a Palemão, espécie de menino-deus venerado pelos fundadores da velha cidade. O prêmio principal era uma coroa de aipo silvestre. Diferentemente dos jogos olímpicos, realizados

a cada quatro anos e longe de Atenas, nas imediações do Monte Olimpo, os jogos ístmicos ocorriam a cada dois anos, e a jornada, desde Atenas, era muito mais rápida, segura e fácil.

Desde 581 a.C., os jogos de Corinto já haviam sido organizados como festival de proporções internacionais. Além disso, Corinto era considerada o principal destino, na Grécia, para aqueles que desejavam um tipo de primitivo turismo sexual. Platão,² por exemplo, retratou a ironia de que as famosas prostitutas de Corinto eram a própria perdição daqueles que desejavam se sair bem nas competições atléticas.

Lucas (At 18:1-18) não dá informações precisas sobre as razões pelas

quais Paulo visitou Corinto. Numa passagem anterior (At 16:9, 10), ele contou que uma visão tinha feito com que o apóstolo se dispusesse a atravessar a região norte do mar Egeu, a fim de atingir a província romana da Macedônia. Durante sua permanência de 18 meses em Corinto, Paulo teve outra visão que o conclamou a se tornar mais agressivo em seus métodos evangelísticos: “Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: ‘Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade’” (At 18:9, 10).

A longa duração do período em que Paulo permaneceu na cidade es-

tabelece a possibilidade de 75% para que o apóstolo tenha presenciado o espetáculo esportivo da primavera do ano 51. Além disso, ao escrever aos coríntios, Paulo fez referências específicas às corridas e ao pugilato, importantes modalidades dos jogos ístmicos: “Vocês não sabem que de todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio. Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre. Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado” (1Co 9:24-27).

Murphy-O'Connor³ afirma que, por mais que as metáforas atléticas fossem lugar comum das discussões filosóficas populares à época, seria uma coincidência altamente improvável que Paulo decidisse tratar exatamente desse tema ao escrever aos coríntios. Sua opinião o coloca como espectador de alguma das edições dos jogos ístmicos, possivelmente entre 49 e 51.

Os jogos

O complexo esportivo em Corinto incluía o enorme templo dedicado a Netuno e o templo circular, consagrado a Palemão. Bronner, o arqueólogo que escavou as ruínas de Corinto, descreveu a adoração de Palemão como consistindo de covas nas quais touros pretos eram oferecidos em holocausto à noite. O templo era iluminado por tochas gigantescas enquanto os adoradores carregavam lâmpadas portáteis. No auge da celebração, o touro negro era trazido e, após receber sucessivos golpes de machado, era lançado na cova fumegante. Com essa cerimônia, declaravam-se abertos os jogos. As delegações, inclusive atletas e treinadores, juravam solenemente diante do altar de Netuno, prometendo que não buscariam a vitória por meios fraudulentos. Em seguida,

compareciam ao altar de Palemão, onde, em completa escuridão, pronunciavam juramentos adicionais. O estádio, cujas ruínas ainda podem ser vistas, contava com quatro portões que podiam ser abertos simultaneamente, a depender da modalidade de corrida. Havia 16 raias de cerca de um metro de largura. Cada curso media pouco mais de 192 metros. Um novo estádio foi construído na época de Alexandre, o Grande, e essas dimensões foram alteradas, com a diminuição do curso para 181 m e o aumento da largura de cada uma das raias para 1,50 m. O hipódromo, do lado oriental do templo de Netuno, ficava próximo a um santuário dedicado a Glauco, divindade que supostamente incutia o espírito de vitória aos cavalos quando esses se aproximavam do fim da corrida.

“Nosso prêmio não se limita a um grupo de atletas. Está disponível a todos os brasileiros, visitantes e turistas estrangeiros”

Em suas escavações do complexo esportivo, Bronner recuperou muitas estatuetas de barcos, muito provavelmente dedicados a Netuno, bem como halteres, além de escudos e elmos usados na corrida em que os atletas se paramentavam com armaduras. Os jogos ístmicos eram os mais populares do mundo greco-romano, uma vez que Corinto era uma localidade mais central do que Olímpia e Delfos, outros lugares em que se disputavam jogos atléticos. Seus jogos eram mais frequentes e a cidade oferecia mais atrações para o visitante. De modo simultâneo às competições atléticas, no teatro de Corinto também ocorriam concursos de poesia, música e oratória.

Paulo e os jogos

Certamente, Paulo não foi a Corinto participar nem dos jogos nem

das competições intelectuais. É difícil imaginar que o vigoroso apóstolo tivesse uma disposição tão mundana. Apesar disso, ele sabia que essa cidade de dois portos (Cencreia e Lequeu) reunia algumas condições que favoreceriam seu trabalho: “Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto. Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas” (At 18:1-3).

O historiador e geógrafo Estrabão escreveu que Corinto era chamada de “abastada” por causa de seu comércio florescente, favorecido pelo fato de se localizar em um istmo atendido por dois portos que ligavam a Itália à Ásia. Em Corinto, o apóstolo podia fabricar as tendas necessárias para que os inúmeros visitantes se acomodassem durante os eventos esportivos. Isso lhe proporcionava sua própria manutenção e a de seus assistentes, durante os esforços evangelísticos entre as multidões que compareciam, com disponibilidade de tempo, às competições.

De toda maneira, a passagem do apóstolo pela cidade de Corinto parece tê-lo impressionado profundamente, a ponto de ele comparar a vida espiritual com o treinamento físico que ele provavelmente deve ter testemunhado nas competições: “Rejeite, porém, as fábulas profanas e tolas, e exercite-se na piedade. O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura” (1Tm 4:7, 8).

Além disso, Paulo parece ter compreendido que mesmo uma competição tão mundana quanto os jogos ístmicos pode ensinar algo àqueles que, com sensibilidade espiritual, crescem a partir de sua experiência de contato e confronto com o mundo: “Nenhum atleta é coroado como

vencedor, se não competir de acordo com as regras” (2Tm 2:5).

Finalmente, Paulo empregou a experiência de Corinto a fim de, para o bem de seus ouvintes, expressar clara e categoricamente que a vida cristã implica na busca de um prêmio que só pode ser alcançado com muita determinação e esforço: “Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2Tm 4:6-8).

Essas palavras, escritas provavelmente em junho do ano 67, quando o apóstolo aguardava a própria execução, têm sabor claramente ístmico, se observarmos as palavras exatas empregadas em grego. Por isso, Bronner propõe a seguinte tradução para esse texto: “Disputei a boa competição (*ton kalon agôna*), cheguei ao fim da corrida (*dramon*), cumpri o voto (*pistin*). E agora a coroa da justiça (*ho tês dikaiosynês stephanos*) está me esperando, que o Senhor, o justo árbitro (*ho dikaios kristês*), me dará naquele dia.”

Franz⁵ chega a imaginar que, ao vir de Troas e parar em Corinto para se encontrar com os crentes, a caminho de Nicópolis, Paulo pode ter testemunhado uma das edições mais famosas dos jogos ístmicos (Tt 3:12). Se Paulo não aproveitou essa segunda oportunidade para presenciar os jogos, ele pode pelo menos ter recebido informações exatas sobre os últimos acontecimentos relativos à competição. A pedido do imperador Nero, os jogos do ano 66 aconteceram no outono. Esforços foram envidados para acomodar a agenda do imperador, que desejava competir. O historiador Suetônio descreveu os eventos realizados naquela edição. Segundo ele, Nero ganhou o primeiro prêmio no concurso de canto. Para isso, intimidou adversários e subornou juizes, oferecendo-lhes o direito à cidadania

romana. Ao escrever a segunda carta a Timóteo, provavelmente no ano 67, Paulo pode ter esse incidente em perspectiva quando afirmou que seu prêmio, diferente do de Nero, será concedido por um juiz justo.

Lições

Há pelo menos duas lições que podem ser aprendidas da permanência de Paulo em Corinto durante aqueles jogos. Em primeiro lugar, Paulo ia aonde havia pessoas. Alguns cristãos fazem objeção ao fato de outros cristãos se envolverem em atividade evangelística no contexto dos passatempos mundanos. Argumentam que eventos esportivos e culturais estão hoje irremediavelmente contaminados pelas sementes do mundanismo e que a atitude mais apropriada para o cristão é manter distância segura dessas armadilhas demoníacas. Contudo, Paulo não se expôs a menores riscos quando enveredou pelas ruas de Corinto, durante jogos atléticos e competições culturais que tinham profundas marcas de sua origem e natureza pagã. Isso me faz lembrar a declaração de Charles Thomas Studd que, ao receber uma herança de valor considerável e que lhe permitiria viver confortavelmente, deixou tudo para trás e foi ser um pobre missionário na China. Segundo ele, alguns preferem ficar à sombra da campana, mas ele preferia viver no pátio do inferno. Assim, poderia muitas vezes invadir o terreno do inimigo a fim de resgatar aqueles que estavam sob seu poder.

Em segundo lugar, em seu evangelismo, Paulo usava a linguagem que os descrentes eram capazes de compreender facilmente. Ele sabia se havia ocorrido trapaça na competição mais recente e, mais do que isso, sabia como explorar os temas da época, de modo a utilizá-los para angariar a atenção de pessoas que tinham outras preocupações e outros focos. Sauer⁷ sugere que Paulo sabia, como ninguém, explorar a linguagem esportiva de sua época para cativar a atenção de seu público.

Ao comentar 1 Coríntios 9:24-27 e diante da afirmação paulina de que todos correm no estádio, Orígenes⁸ afirmou que “a igreja também corre”. Essa sensação de urgência deve nos acompanhar enquanto o Brasil se prepara para a realização da copa do mundo de futebol. Essa é nossa oportunidade de anunciar que todos os que estão no estádio correm e a igreja também corre. A igreja corre para fazer saber a todos que nosso prêmio não se limita a um pequeno grupo de jogadores nem à nação que eles representam. Trata-se de um título benevolmente disponível a todos os que por ele se interessarem. É uma medalha, uma coroa que cada brasileiro poderá receber, que teremos imenso prazer em partilhar com visitantes, turistas, nacionais e estrangeiros.

Segundo João Crisóstomo,⁹ quando Paulo fala que “somente um ganha o prêmio”, não significa que somente um dentre todos será salvo, mas refere-se à intensidade do esforço que a salvação requer. Esse esforço talvez não dependa tanto da pessoa que aceita a salvação, mas pode se referir, em vez disso, a todos os sacrifícios necessários para que a salvação seja levada às pessoas de modo geral.

É hora de planejarmos como nosso envolvimento nos eventos da copa do mundo pode produzir frutos dignos do reino de Deus. Afinal, “todos correm no estádio”, e “a igreja corre também”. ■

Referências:

- ¹ Oscar Bronner, *The Biblical Archaeologist*, 1962, nº 1, v. 25, p. 1-31.
- ² Platão, *A República*: Diálogos (Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, s/d).
- ³ Jerome Murphy-O'Connor, *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology* (Washington, DEL.: Michael Glazier, 1983).
- ⁴ Oscar Bronner, *Op. Cit.*, nº 23, p. 31.
- ⁵ Gordon Franz, *Paul at Isthmia: Going for the Gold. Life and land seminars*, 2012. Disponível em: <http://www.lifeandland.org/2009/02/paul-at-isthmia-going-for-the-gold/>. Acesso em 10/06/2012.
- ⁶ Suetônio, *A Vida dos Césares* (São Paulo, SP: Martin Claret, 2006).
- ⁷ E. Sauer, *In Arena of Faith* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956).
- ⁸ Orígenes, *Fragmenta ex commentariis in epistolam i ad Corinthios*. In: C. Jenkins, *Journal of Theological Studies*, v. 9, 10, 1908.
- ⁹ João Crisóstomo, *In Epistolam I ad Corinthios: Homiliae 1-44*, MPG, v. 61, p. 189.



Professor de Antigo Testamento no Spicer Memorial College, Pune, Índia

Os dez mandamentos

Uma lei para ser obedecida ou promessas para ser celebradas?

Em meus quarenta anos de jornada cristã, que incluem vinte anos como professor de Bíblia e ministério pastoral, os Dez Mandamentos (Êx 20:3-17) sempre foram um desafio para mim, apesar de ser essa a única parte da Bíblia que foi escrita pelo próprio Deus (Êx 24:12; 31:18; 32:15, 16; 34:1, 4, 28). Nascido em lar adventista e educado em escolas adventistas, sempre acreditei na importância da obediência à lei de Deus. Entretanto, a pergunta que sempre me perseguiu foi esta: “Guardo realmente os mandamentos conforme a vontade de Deus?”

Posteriormente, a afirmação bíblica segundo a qual o povo de Deus se deleitava em Seus mandamentos me perturbou profundamente. Afinal, “se eu não me alegro na lei de Deus, não sou digno de ser chamado

cristão?” Quando clamei ao Senhor, a partir desse estado de inquietação, Ele abriu meus olhos para algumas coisas maravilhosas que têm trazido cura ao meu ser.

Uma declaração de Ellen G. White serviu de esclarecimento para mim: “Os Dez Mandamentos... são dez promessas”, ela escreveu.¹ Este artigo provê algumas contundentes evidências escriturísticas que mostram os Dez Mandamentos realmente como dez promessas.

Contexto do decálogo

Talvez uma das maiores razões para a falta de entendimento da promessa fundamental do Decálogo seja a falha em estudar e compreendê-lo dentro de seus contextos, o imediato e o mais amplo. Umberto Cassuto apresenta bem os contextos anterior

e posterior do Decálogo: “Êxodo 1-19 é apenas uma preparação para a atividade do Sinai e tudo o que se segue é resultado disso ou complemento para isso.”² O contexto imediato não deixa dúvidas quanto ao motivo de Deus para dar a lei. “Deus falou todas estas palavras: ‘Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão’ (Êx 20:1, 2). Os Dez Mandamentos não foram originados de alguma noção arbitrária de Deus, mas da pessoal e terna lembrança do “Senhor, o teu Deus” que redimiu Seu povo da escravidão egípcia.

A libertação do cativo, símbolo de redenção, reside no fundamento dos Dez Mandamentos. Portanto, o Decálogo não é um código legalista dado a Israel, mas um laço redentor que define o relacionamento de amor que devia existir entre Israel e Seu po-

deroso Deus. Esse poder e esse amor circundam os Dez Mandamentos. Assim, eles não foram dados para que Israel fosse salvo pela obediência a eles, mas foram dados a um povo que havia sido resgatado. Em outras palavras, os mandamentos não são meio de salvação, mas promessas do relacionamento de concerto que Deus deseja ter com Seu povo.

Uma investigação cuidadosa dos capítulos anteriores e posteriores à entrega da lei revela as características dessas promessas de redenção e concerto da lei e do Doador da lei.

■ *Deus cumpre Suas promessas.* A libertação de Israel de sua escravidão foi cumprimento das promessas de Deus feitas a Abraão (Gn 15:13, 14; cf Êx 12:40, 41).

■ *Nada nem ninguém pode impedir Deus de cumprir Seus propósitos.* Apesar da opressão de Faraó, ordenando a matança dos recém-nascidos, Deus suscitou Seu servo Moisés, colocando-o justamente no palácio (Êx 1:9–2:9).

■ *O Deus de Moisés é mais poderoso que os deuses do Egito.* As dez pragas (Êx 7–11) “foram dirigidas contra específicas deidades egípcias, para revelar a impotência delas e mostrar que Jeová era o verdadeiro Deus”.³ O próprio Faraó, em muitas ocasiões, pediu que Moisés e Arão orassem em favor dele (Êx 8:8, 28; 9:27, 28; 10:16, 17).

■ *O Deus de Moisés é mais poderoso que as forças da natureza.* Deus abriu o Mar Vermelho, para que os israelitas o atravessassem (Êx 14:1-22).

■ *Deus cura Seu povo.* As águas amargas de Mara se tornaram doces, quando, em obediência à ordem de Deus, Moisés lançou nelas uma árvore (Êx 15:22-26).

■ *Deus provê para Seu povo.* Maná, o pão do Céu, e água tirada da rocha foram provisões de Deus para mais de 600 mil pessoas (Êx 12:37; 16; 17:1-6).

■ *Deus combate por Seu povo.* O simples ato de erguer as mãos de Moisés significaram vitória para Israel contra os amalequitas (Êx 17:8-14).

■ *Deus guia Seu povo.* As colunas de nuvem e fogo (Êx 13:21, 22) nas quais o invisível Líder de Israel estava presente⁴ revelam Deus em duas maneiras. Enquanto a coluna de nuvem protegia Israel dos dias quentes no deserto, a coluna de fogo provia luz nas trevas e protegia o povo do frio gelado.

■ *A presença de Deus está sempre com Seu povo.* O fato de que seu Deus estava nas colunas de fogo e nuvem deve ter maravilhado Israel que poderia não ter ouvido sobre isso no Egito.

■ *Deus liberta Seu povo e o convida a um relacionamento com Ele.* Deus deu Seus mandamentos a Israel, depois de havê-lo libertado da escravidão e o conduzido para Si mesmo (Êx 19:4). O preâmbulo do Decálogo: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão” provê uma razão para a obediência dos israelitas – Deus os libertou da escravidão; para que entrassem na Terra Prometida. Eles deviam mostrar submissão a Ele.

Certamente, o propósito de tudo o que Deus fez pelos israelitas (Dt 26:8) era inspirá-los a entrar em um relacionamento de concerto com Ele (Êx 14:31; cf. Nm 20:12; Dt 9:23); relacionamento esse no qual, ouvindo Sua voz, eles seriam Sua propriedade peculiar, uma nação santa e um sacerdócio real (Êx 19:5). Nesse relacionamento, eles jamais furtariam (oitavo mandamento) porque o Senhor, como seu esposo (Jr 31:32), satisfaria as necessidades deles (Mt 7:7; Tg 4:2); também honrariam seus pais (quinto mandamento) porque, estando os pais em lugar de Deus,⁵ Ele cumpre Seus propósitos através deles. Nesse sentido, os Dez Mandamentos, embora pareçam proibições negativas, são declarações de segurança.

Terminologia

A expressão “os dez mandamentos” é desconhecida para o hebraico original da Bíblia, embora apareça três vezes nas traduções modernas (Êx 34:28; Dt 4:13; 10:4). Delibera-

damente, nessas três ocorrências, Moisés empregou um termo derivado de *dabar*, “palavra”, em lugar de *mitsvah*, “mandamento”, o qual, com seus derivados, ele usou extensivamente no Pentateuco. De fato, os Dez Mandamentos são introduzidos com esta frase: “E Deus falou todas estas palavras”. Isso mostra que Deus não deu dez mandamentos; Ele deu “dez palavras”, isto é, o decálogo.

A palavra *dabar* é interpretada como “promessa” em muitos lugares na Bíblia.⁶ Além disso, sua forma verbal “E Deus falou” é interpretada como “Deus prometeu”. Isso sugere que as palavras de Deus podem ser compreendidas como promessas; consequentemente, “dez palavras” são “dez promessas”.

Estrutura gramatical

A estrutura gramatical dos Dez Mandamentos, a maioria dos quais começa com o advérbio de negação “não” e um verbo na segunda pessoa do singular, comunica não apenas uma “forma enfática de proibição” ou “a mais forte expectativa de obediência”, mas também uma “expectativa definida de que alguma coisa não acontecerá”.⁷ Declarações que têm a mesma estrutura gramatical como, por exemplo, “você não morrerá” (Jz 6:23),⁸ “não terão falta de nada” (Dt 8:9),⁹ “não tenham medo” (Dt 7:18), entre outras, indubitavelmente são promessas.¹⁰

Richard Davidson observa que o conceito de que os Dez Mandamentos podem ser compreendidos como promessas “está embutido na própria estrutura gramatical do Decálogo”.¹¹ Isso mostra que as Dez Palavras de Deus contêm duas facetas entrelaçadas, isto é, uma proibição e uma garantia ou promessa.¹²

O quadro maior

A Bíblia relata numerosos mandamentos e instruções de Deus. Sugerir que todos eles, particularmente aqueles que são dados ao Seu povo, sejam promessas ou declarações de garantia, pode parecer exagero. En-

tretanto, uma visão geral das Escrituras revela que, na verdade, é assim.

A simples ideia de uma promessa contém a noção de “eu faço”, enquanto um mandamento/instrução contém a noção de “você faz”. Se o agente da ação é o fator determinante para se saber se uma declaração contém uma promessa ou um mandamento, a Bíblia mostra pouca distinção entre as duas coisas. Em ambos os casos, primeiramente Deus é o agente da ação. Em segundo lugar, quem obedece é o receptor da ação. A diferença é que uma promessa é a ação de Deus *para* o obediente, enquanto o mandamento é a ação de Deus *por meio* do obediente.

Esse fenômeno permanece consistente na Bíblia. Por exemplo, Deus instruiu ou ordenou que Moisés tirasse o povo de Israel do Egito (Êx 3:10; cf. 7:6, 10). Porém, na realidade, foi Deus quem fez isso: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito”,¹³ Ele disse. Jesus prometeu aos discípulos: “estarei sempre com vocês” (Mt 28:20). Entretanto, a promessa foi feita pressupondo a obediência dos discípulos à ordem de ir, batizar e fazer discípulos. A obediência humana é fundamental para a recepção de um mandamento ou uma promessa de Deus. De fato, para quem está disposto a obedecer, os mandamentos e promessas divinos não são diferentes, pois Deus está envolvido nas duas coisas.

Além disso, nossa palavra “mandamento”, significando “ordem”, “demanda”, “requerimento”, “decreto”, tendo a conotação de restrição do livre arbítrio, não representa o termo hebraico para “mandamento” – *tsavah* – que tem um vasto leque de significados, incluindo “dirigir, designar, encarregar, ordenar”,¹⁴ não indicando compulsão nem algo forçado. A Bíblia mostra que Deus atua com os seres humanos no contexto da livre escolha: “escolham hoje a quem irão servir” (Js 24:15); “para que todo o que nEle crer... tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Relacionado com isso, Ellen G. White escreveu: “Torne-se claro que o caminho dos

mandamentos de Deus é a vereda da vida. Deus estabeleceu as leis da natureza, mas Suas leis não são arbitrárias exigências. Todo ‘Não farás’, seja na lei física seja na moral, implica uma promessa. Se obedecemos, a bênção nos seguirá os passos. Deus nunca nos força a fazer o que é direito, mas nos procura salvar do mal e levar-nos ao bem.”¹⁵ E mais: “Em toda ordem ou mandamento dado por Deus, há uma promessa, a mais positiva, a fundamentá-la.”¹⁶

Consequentemente, a menção de que Deus ordenou a Noé (Gn 6:22) e a Josué (Js 1:9), por exemplo, pode ser compreendida como “dirigiu, comissionou, encarregou”.

Assim, podemos afirmar que cada promessa ou mandamento de Deus é um convite para que Seu povo coopere com Ele. O resultado permanece além da compreensão humana. “Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.”¹⁷ “Sua ordem é uma promessa; e em seu apoio está o mesmo poder que alimentou a multidão junto ao mar.”¹⁸

“Embora pareçam proibições negativas, os Dez Mandamentos são declarações de segurança”

Obediência pela graça

Tendo em vista nossa natureza, nossas habilidades e experiência, guardar os Dez Mandamentos pode parecer impossível. Entretanto, devemos lembrar que “é Sua graça que dá ao homem poder para obedecer às leis de Deus. É isso que o habilita a quebrar as cadeias do mau hábito. Esse é o único poder capaz de colocá-lo e conservá-lo firme no caminho do direito”.¹⁹ Em consequência disso, todo mandamento ou instrução de Deus é uma declaração de segurança ou promessa, conforme declarou

Ellen G. White: “A energia criadora que trouxe à existência os mundos, está na Palavra de Deus. Essa Palavra comunica poder e gera vida. Cada ordenança é uma promessa; aceita voluntariamente, recebida no coração, traz consigo a vida do Ser infinito. Transforma a natureza, restaurando-a à imagem de Deus.”²⁰

Jesus esclareceu que ninguém pode obedecer a Deus, a menos que permaneça nEle ou ligado a Ele: “Sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5).

Para aqueles que não conhecem Deus como Senhor do amor e das promessas, os Dez Mandamentos podem ser penosos, exigências arbitrárias, impossibilidades. Mas, para aqueles que O conhecem, eles são promessas e afirmações de segurança. Portanto, Seu povo se alegra neles, mais do que se regozija com o ouro puro (Sl 119:127). ▀

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus* [MM, 1956], p. 56.
- 2 Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus* (Jerusalém: Magness, 1967, 1974), p. 256.
- 3 Herbert Wolf, *An Introduction to the Old Testament Pentateuch* (Chicago, IL: Moody, 1991), p. 132.
- 4 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 282.
- 5 *Ibid.*, p. 308.
- 6 Francis Brown, Samuel R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon on the Old Testament with an Appendix Containing the Biblical Aramaic*, tendo como base o Lexicon of William Gesenius (1979).
- 7 E. Kautzsch, *Hebrew Grammar* (Oxford: Clarendon, 1910, 1990), p. 317.
- 8 Herbert Wolf, *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), p. 420.
- 9 Christopher J. H. Wright, *Deuteronomy*, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), p. 126; Arnold A. \ Anderson *The Book of Psalms* (Greenwood, SC: Attie, 1952), p. 657.
- 10 *Ibid.*, p. 116; *Ibid.*
- 11 Richard M. Davidson, *A love song for the Shabbath* (Washington, DC: Review and Herald, 1988), p. 36.
- 12 *Ibid.*, p.124.
- 13 Francis Brown, Samuel R. Driver e Charles Briggs, *Op. Cit.*
- 14 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 114.
- 15 _____, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 76.
- 16 _____, *Parábolas de Jesus*, p. 333.
- 17 _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 369.
- 18 _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 115.
- 19 _____, *Educação*, p. 126.



Professor e diretor do Centro White na Universidade Adventista del Plata, Argentina

Um modelo para o louvor

Critérios que Davi empregou no ministério musical de Israel ainda são válidos



O texto de 2 Samuel 23:1-7 contém as últimas palavras registradas de Davi na forma de salmo autobiográfico. Definindo-o como cantor, ungido e profeta, o cântico é introduzido desta maneira: “Estas são as últimas palavras de Davi: Palavras de Davi, filho de Jessé; palavras do homem que foi exaltado, do ungido pelo Deus de Jacó, do cantor dos cânticos de Israel: ‘O Espírito do Senhor falou por

meu intermédio; Sua palavra esteve em minha língua.” (2Sm 23:1, 2).

Na verdade, Davi foi um grande músico, compositor, intérprete, fabricante de instrumentos (Am 6:5; Ne 12:36) e organizador da música hebraica. Na busca de valores que podem orientar a música na igreja, está o modelo de Davi. Nessa busca, analisaremos três aspectos desse modelo: os instrumentos musicais, os propósitos e o ministério da música.

Os instrumentos

As Escrituras falam de instrumentos musicais para adoração a Deus: “Hemã e Jedutum eram responsáveis pelas trombetas, pelos címbalos e pelos outros instrumentos musicais para o culto...” (1Cr 16:41, 42); “Os sacerdotes tomaram seus lugares, bem como os levitas, com os instrumentos musicais do Senhor feitos pelo rei Davi para louvar o Senhor, cantando: ‘O Seu amor dura para sempre’. No



isso foi ordenado pelo Senhor, por meio de Seus profetas” (2Cr 29:25). Algo semelhante é dito da música empregada por Josias: “Os músicos, descendentes de Asafe, estavam nos locais prescritos por Davi e por Asafe, Hemã e Jedutum, vidente do rei...” (2Cr 35:15).

Temos uma ideia do que eram aqueles instrumentos. Címbalos eram pequenos pratos metálicos que eram tocados com um movimento horizontal produzindo som suave. Os arqueólogos têm encontrado na Palestina címbalos de bronze, medindo dez centímetros de diâmetro, com orifícios no centro pelos quais passavam uma correia amarrada no interior. A harpa era um instrumento de cordas com caixa de ressonância arredondada coberta de couro, e era usada para fins religiosos. O saltério também era um instrumento de cordas, triangular e, à semelhança da harpa, tinha uma caixa de ressonância acima das cordas (*Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 3, p. 31-45).

Aparentemente, os címbalos não eram usados como instrumentos rítmicos, mas eram tocados para anunciar o início de um cântico ou uma estrofe do cântico. O saltério e a harpa, ou lira, serviam para acompanhar os cânticos.

Propósitos

Na época de Davi, a música era usada com mais de um propósito, assim como a música de hoje devia ter objetivos claros, especialmente no contexto do culto.

Alegria e celebração. A música organizada por Davi, para o traslado da arca de Quiriate Jearim para Jerusalém, devia ser executada com alegria. Diz o cronista: “Davi e todos os israelitas iam dançando e cantando com todo o vigor diante de Deus, ao som de harpas, liras, tamborins, címbalos e cornetas” (1Cr 13:8). Finalmente, ao levar a arca para Jerusalém, Davi expressou alegria por meio do cântico e da música dos levitas: “Davi também ordenou aos líderes dos levitas que encarregassem os músicos que havia

entre eles de cantar músicas alegres, acompanhados por instrumentos musicais: liras, harpas e címbalos sonoros” (1Cr 15:16). A narrativa insiste no sentimento de júbilo: “E todo o Israel acompanhou a arca da aliança do Senhor alegremente, ao som de trombetas, cornetas e címbalos, ao toque de liras e de harpas” (v. 28). O rei liderava a celebração: “Davi, vestindo o colete sacerdotal de linho, foi dançando com todas as suas forças perante o Senhor, enquanto ele e todos os israelitas levavam a arca do Senhor ao som de gritos de alegria e de trombetas” (2Sm 6: 14, 15).

Alívio para tristezas. A musicoterapia também foi empregada para libertar de perturbações causadas por maus espíritos. Foi assim que, estando Saul espiritualmente perturbado, surgiu a ideia de “procurar um homem que [soubesse] tocar harpa... E Saul respondeu aos que o serviam: ‘Encontrem alguém que toque bem e tragam-no até aqui’ (1Sm 16:16, 17). Um dos servos encontrou a solução para o problema: “Conheço um filho de Jessé, de Belém, que sabe tocar harpa. É um guerreiro valente, sabe falar bem, tem boa aparência e o Senhor está com ele” (v. 18). O efeito positivo da música foi notável: “Sempre que o espírito mandado por Deus se apoderava de Saul, Davi apanhava sua harpa e tocava. Então Saul sentia alívio e melhorava, e o espírito maligno o deixava” (v. 23).

Por meio da música, também era manifestada profunda tristeza, como aconteceu no lamento de Davi por ocasião da morte de Saul. Diz o relato: “Davi cantou este lamento sobre Saul e seu filho Jônatas, e ordenou que se ensinasse aos homens de Judá” (2Sm 1:17, 18).

Gratidão, louvor e adoração. O cântico de Davi, em 2 Samuel 22 (semelhante ao Salmo 18) revela gratidão e louvor a Deus, por Sua libertação. Entre outras coisas, ele diz: “Clamo ao Senhor, que é digno de louvor... (2Sm 22:4). A expressão de reconhecimento ao Senhor tem continuidade no texto de 2 Samuel 23.

outro lado, de frente para os levitas, os sacerdotes tocavam suas cornetas. Todo o povo estava em pé” (2Cr 7:6).

Um texto especialmente diz que Davi foi guiado por Deus, através de Seus profetas, ao organizar as celebrações musicais religiosas e ao escolher os instrumentos: “O rei posicionou os levitas no templo do Senhor, com címbalos, liras e harpas, segundo a prescrição de Davi, de Gade, vidente do rei, e do profeta Natã;

Os músicos da época de Davi deviam adorar a Deus em forma de lembrança, confissão e louvor: “Davi nomeou alguns dos levitas para ministrarem diante da arca do Senhor, fazendo petições, dando graças e louvando o Senhor, o Deus de Israel” (1Cr 16:4). “Davi encarregou Asafe e seus parentes de louvarem o Senhor com salmos de gratidão” (v. 7).

Em seguida, encontramos um salmo de Davi, semelhante a alguns trechos dos Salmos (1Cr 16:7-36). Aqui estão algumas de suas expressões: “Deem graças ao Senhor” (v. 8); “Cantem para Ele, louvem-nO” (v. 9); “Cantem ao Senhor, todas as terras!” (v. 23); “Anunciem a Sua glória entre as nações” (v. 24); “Então as árvores da floresta cantarão de alegria, cantarão diante do Senhor” (v. 33). Asafe e seus irmãos foram designados para ministrar diante da arca (v. 37), “Hemã e Jedutum e os outros designados para darem graças ao Senhor” (v. 41).

Conforme o relato bíblico, Davi organizou a música destinada a louvar a Deus e fez instrumentos musicais: “quatro mil para serem guardas das portas e quatro mil para louvarem o Senhor com os instrumentos musicais que Davi tinha preparado com esse propósito” (1Cr 23:5). O ministério da música era permanente: “Além disso, deviam se apresentar todas as manhãs e todas as tardes para dar graças e louvar ao Senhor” (1Cr 23:30). Os músicos de Davi deviam louvar ao Senhor e aclamá-Lo.

Em suma, o ministério da música em Israel tinha o propósito de louvar e dar graças a Deus: “Todos os levitas que eram músicos – Asafe, Hemã, Jedutum e os filhos e parentes deles – ficaram a leste do altar, vestidos de linho fino, tocando címbalos, harpas e liras, e os acompanhavam cento e vinte sacerdotes tocando cornetas. Os que tocavam cornetas e os cantores, em unísono, louvaram e agradeceram ao Senhor. Ao som de cornetas, címbalos e outros instrumentos, levantaram suas vozes em louvor ao Senhor e cantaram: ‘Ele é

bom; o Seu amor dura para sempre.’ Então uma nuvem encheu o templo do Senhor” (2Cr 5:12, 13).

Evangelização. É evidente que o louvor em Israel tinha dimensão corporativa e servia para edificar a congregação. Os salmos testemunham a esse respeito: “Aleluia! Cantem ao Senhor uma nova canção, louvem-nO na assembleia dos fiéis” (Sl 149:1). Davi entendia que o cântico e a música deviam ser compartilhados com todos, transformando-se em instrumento de evangelização. Quando ele manifestou gratidão e louvor ao Senhor, por causa da libertação operada em relação aos inimigos, apresentou este louvor e gratidão como testemunho às nações: “Por isso Te louvarei entre as nações, ó Senhor; cantarei louvores ao Teu nome” (2Sm 22:50). Assim, a música pode ser excelente recurso evangelístico. Daí, a exortação: “Anunciem a Sua glória entre as nações, Seus feitos maravilhosos entre todos os povos!” (1Cr 16:24).

Os salmos falam muito sobre a atitude de louvar a Deus entre as nações, conforme os seguintes exemplos: “Cantem louvores ao Senhor, que reina em Sião; proclamem entre as nações os Seus feitos” (Sl 9:11). “Por isso eu Te louvarei entre as nações, ó Senhor; cantarei louvores ao Teu nome” (Sl 18:49). “Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme; cantarei ao som de instrumentos! Acorde, minha alma! Acordem, harpa e lira! Vou despertar a alvorada! Eu te louvarei, ó Senhor, entre as nações; cantarei teus louvores entre os povos” (Sl 57:7-9).

Essa dimensão da música sacra cumpre os três propósitos mais reconhecidos do culto cristão: adoração, edificação e evangelização.

Ministério e organização

Davi tinha organizado a música destinada à adoração, mesmo quando não havia templo. O altar dos holocaustos estava em Gibeom (1Cr 16:39; 21:29; 1Rs 3:4; 2Cr 1:3-6) e a arca havia sido levada para Jerusalém.

Porém, havia pessoas encarregadas pelo serviço do cântico. “Estes são os homens a quem Davi encarregou de dirigir os cânticos no templo do Senhor depois que a arca foi levada para lá. Eles ministraram o louvor diante do tabernáculo...” (1Cr 6:31, 32).

Hemã, Asafe e Etã foram diretores do coral de Davi. Também é registrado que os cantores exerciam um ministério exclusivo: “Os cantores, chefes de famílias levitas, permaneciam nas salas do templo e estavam isentos de outros deveres, pois dia e noite se dedicavam à sua própria tarefa” (1Cr 9:33).

Organização da música. O episódio da transferência da arca para Jerusalém foi marcado por cuidadas e organizadas manifestações musicais. A partir de então, a música ficou estabelecida e regulamentada, mostrando características de um verdadeiro Ministério da Música:

■ Os cantores e os músicos eram escolhidos entre os levitas. Eles utilizavam saltérios, harpas e címbalos, enquanto os sacerdotes tocavam trombetas. “Davi também ordenou aos líderes dos levitas que encarregassem os músicos que havia entre eles de cantar músicas alegres, acompanhados por instrumentos musicais: liras, harpas e címbalos sonoros. Assim, os levitas escolheram Hemã, filho de Joel, e Asafe, um parente dele; dentre os meraritas, seus parentes, escolheram Etã, filho de Cuxafas” (1Cr 15:16, 17).

■ Os encarregados da música eram treinados e dedicados para esse serviço. Nesse sentido o relato é claro e pormenorizado: “Os músicos Hemã, Asafe e Etã deviam tocar os címbalos de bronze; Zacarias, Aziel, Semiramote, Jeiel, Uni, Eliabe, Maaseias e Benaia deviam tocar as liras, acompanhando o soprano, e Matitias, Elifeleu, Micneias, Obede-Edom, Jeiel e Azazias deviam tocar as harpas em oitava, marcando o ritmo. Quenania, o chefe dos levitas, ficou encarregado dos cânticos; essa era sua responsabilidade, pois ele tinha competência para isso” (1Cr

15:19-22). “Os sacerdotes Sebanias, Josafá, Natanael, Amasai, Zacarias, Benaia e Eliézer deviam tocar as cornetas diante da arca de Deus. Obede-Edom e Jeías também deviam ser porteiros e vigiar a arca” (v. 24).

■ Usavam vestes especiais, o que representa um antecedente para os uniformes hoje utilizados pelos corais: “Davi vestia um manto de linho fino, como também todos os levitas que carregavam a arca, os músicos e Quenânias, chefe dos músicos... E todo o Israel acompanhou a arca da aliança do Senhor alegremente, ao som de trombetas, cornetas e címbalos, ao toque de liras e de harpas” (1Cr 15:27, 28).

■ Os músicos eram ministros da adoração, sustentados com os dízimos do povo. Os encarregados pela música pertenciam à tribo de Levi e eram sustentados nesse ministério. “Davi nomeou alguns dos levitas para ministrarem diante da arca do Senhor, fazendo petições, dando graças e louvando o Senhor, o Deus de Israel. Desses, Asafe era o chefe, Zacarias vinha em seguida, e depois Jeiel, Semiramote, Jeiel, Matitias, Eliabe, Benaia, Obede-Edom e Jeiel. Eles deviam tocar lira e harpa, enquanto Asafe tocava os címbalos. Os sacerdotes Benaia e Jaaziel deviam tocar diariamente as trombetas diante da arca da aliança de Deus” (1Cr 16:4-6).

■ Esses músicos eram separados para esse ministério e, com instrumentos musicais, deviam “profetizar”: “Davi, junto com os comandantes do exército, separou alguns dos filhos de Asafe, de Hemã e de Jedutum para o ministério de profetizar ao som de harpas, liras e címbalos...” (1Cr 25:1); “Dos filhos de Jedutum: Gedalias, Zeri, Jesaías, Simeia, Hasabias e Matitias, seis ao todo, sob a supervisão de seu pai, Jedutum, que profetizava ao som da harpa para dar graças e louvar ao Senhor” (v. 3); “Todos esses homens estavam sob a supervisão de seus pais quando ministravam a música do templo do Senhor. Eles e seus parentes, todos capazes e prepara-

dos para o ministério do louvor do Senhor, totalizavam 288” (v. 6, 7).

Modelo de Davi. O modelo de organização musical de Davi parece não ter tido antecedentes e, certamente, foi seguido no templo futuro. “O Pentateuco não registra serviços musicais que foram realizados no santuário e parece que foram estabelecidos primeiramente por Davi (ver 1Cr 16:4-6, 37, 41, 42; 23:5; 25:1, 6, 7; 2Cr 29:25, 26)” (Ibid.).

“A música eclesíástica deve ser organizada como ministério, com objetivos orientados para Deus e para a missão”

Esse modelo foi seguido na reforma feita por Joiada: “Joiada confiou a supervisão do templo do Senhor aos sacerdotes levitas, aos quais Davi tinha atribuído tarefas no templo, para apresentarem os holocaustos ao Senhor, conforme está escrito na Lei de Moisés, com júbilo e cânticos, segundo as instruções de Davi” (2Cr 23:18).

Ezequias restabeleceu os serviços do templo e também adotou o modelo dravídico: “O rei posicionou os levitas no templo do Senhor, com címbalos, liras e harpas, segundo a prescrição de Davi, de Gade, vidente do rei, e do profeta Natã; isso foi ordenado pelo Senhor, por meio de seus profetas. Assim os levitas ficaram em pé, preparados com os instrumentos de Davi, e os sacerdotes com as cornetas. Então Ezequias ordenou que sacrificassem o holocausto sobre o altar. Iniciado o sacrifício, começou também o canto em louvor ao Senhor, ao som das cornetas e dos instrumentos de Davi, rei de Israel. Toda a assembleia prostrou-se em adoração, enquanto os músicos cantavam e os corneteiros tocavam, até que terminou o holocausto. Então o rei e todos os presentes ajoelharam-se e adoraram” (2Cr 29:25-29).

Nos dias de Josias não foi dife-

rente: “Os músicos, descendentes de Asafe, estavam nos locais prescritos por Davi e por Asafe, Hemã e Jedutum, vidente do rei. Os porteiros que guardavam cada porta não precisaram deixar os seus postos, pois os seus colegas levitas prepararam as ofertas para eles” (2Cr 35:15).

A mesma coisa aconteceu durante a edificação do segundo templo nos tempos de Esdras: “Quando os construtores lançaram os alicerces do templo do Senhor, os sacerdotes, com suas vestes e suas trombetas, e os levitas, filhos de Asafe, com címbalos, tomaram seus lugares para louvar o Senhor, conforme prescrito por Davi, rei de Israel. Com louvor e ações de graças, cantaram responsivamente ao Senhor: ‘Ele é bom; Seu amor a Israel dura para sempre.’ E todo o povo louvou o Senhor em alta voz, pois haviam sido lançados os alicerces do templo do Senhor” (Ed 3:10, 11).

Lições

Podemos dizer que o modelo de organização musical de Davi encerra importantes lições para o atual ministério da música, tão necessitado de critérios e orientações reveladas. Aqui estão algumas dessas lições:

■ Devemos buscar a orientação de Deus para a escolha dos instrumentos musicais e também sobre a forma de executá-los.

■ Os instrumentos de Deus devem realçar e embelezar, sem distrair, distorcer nem ocultar a melodia e as palavras dos cânticos.

■ A música é um excelente meio de expressão das emoções humanas, porém é, sobretudo, um instrumento para gratidão, louvor, adoração, edificação e evangelização.

■ Os objetivos da música da igreja devem ser claros e orientados para Deus e para a missão da igreja.

■ A música eclesíástica deve ser cuidadosamente organizada como verdadeiro ministério.

■ As pessoas encarregadas pela música devem ser escolhidas, treinadas e dedicadas para esse serviço, e apoiadas pela igreja. ▀



Dialogando com jeovistas

*Confronto direto nem sempre pode causar impacto.
Mas existe um método mais frutífero de abordagem*

Enquanto dava estudos bíblicos em uma casa, sem que eu percebesse, uma senhora entrou silenciosamente e ficou em pé atrás de mim. Quando a vi elegantemente vestida, a bolsa que carregava e da qual sobressaíam algumas publicações me fez entender que estava diante de uma testemunha de Jeová. Pensei que aquele estudo seria prejudicado, mas ela somente queria deixar os filhos com minha aluna, enquanto ia ao salão do reino.

Foi assim que conheci Betsy. Apesar da surpresa ao ver-me com uma Bíblia na casa de sua irmã, ela foi muito gentil. A seguinte ocasião em que a vi foi em um encontro da família, oportunidade em que tentei dialogar com ela, tentando ganhar sua confiança. Inicialmente, manteve-se distante; porém, ao notar meus conhecimentos sobre os jeovistas, surpreendeu-se e me perguntou por que eu não era um deles. Essa era a

oportunidade que eu esperava. A resposta se estendeu por alguns meses de exame da Bíblia com Betsy e suas irmãs. Não demorou muito, o esposo, Alfredo, manifestou oposição aos estudos. Ele sequer pensava na possibilidade de Betsy deixar o jeovismo.

Quem não conhece as testemunhas de Jeová? Porém, acaso sabemos a maneira pela qual podemos ter acesso a elas? Muitos supõem que o contato com esse grupo não exige conhecimento além do que é necessário para abordar outros religiosos. Outros o consideram tão inalcançável que julgam inútil todo esforço para se chegar a ele. As duas ideias estão erradas, porque limitam o cumprimento da missão “a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). Por isso, este artigo busca estimular o interesse missionário em favor das testemunhas de Jeová. Seu propósito não é discutir os aspectos típicos do jeovismo, mas entender

a razão de sua identidade e mostrar como essa razão pode gerar desconforto entre seus adeptos, além da oportunidade que oferece para uma abordagem frutífera.

Origem e missão

O jeovismo surgiu no contexto das ramificações religiosas resultantes do movimento milerita, depois de 1844. Alguns grupos denominados “adventistas” ou “segundo adventistas”, ramificados do primeiro movimento milerita, insistiam na marcação de novas datas para a vinda de Cristo. Com apenas 17 anos, Charles Taze Russell, fundador das testemunhas de Jeová, encontrou-se aparentemente por acaso com um deles: a Igreja Cristã do Advento.

Em meio a uma crise de fé ele entrou em um salão no qual o pastor Jonas Wendell, da ramificação segundo adventista, pregava.¹ Ali, Russell reavivou a fé e despertou seu

interesse pelas profecias bíblicas. Em 1870, ele fundou um grupo de estudo denominado Estudantes da Bíblia. O grupo cresceu e, em 1844, resultou na criação da entidade *Zion's Watch Tower Tract Society* [Sociedade de Tratados Torre de Vigia de Sião], tendo Russel como presidente. Posteriormente, essa entidade trocou de nome para *Watch Tower Bible and Tract Society*. Em 1909, a sede da Sociedade foi estabelecida no Brooklyn, Nova York, onde permanece até hoje. Em 1931, durante a presidência de Joseph Franklin Rutherford, o grupo passou a ser chamado Testemunhas de Jeová, em vez de Estudantes Internacionais da Bíblia.

Atualmente, o movimento se estende por todo o mundo. Segundo seu Anuário de 2012, em 2011, havia 98 sucursais que supervisionam o trabalho em 236 países. Mais de 7.600 publicadores (a maioria pregadores batizados) foram de casa em casa distribuindo literatura ou dando estudos bíblicos, o que junto ao trabalho de outros pregadores representa mais de 1.700 horas de trabalho missionário.²

Organização de Jeová

Qual é a motivação para esse trabalho? Grande parte da resposta a essa pergunta está no sentido de identidade, ou seja, a maneira pela qual eles se veem e a mensagem que dizem possuir. Consideram-se “a única religião verdadeira” porque “satisfazem os requisitos” de Deus e creem que Ele os “escolheu” para proclamar “com zelo o Reino de Deus”, antes que este “sistema iníquo de coisas” tenha fim.³ Para ter essa certeza, eles asseguram ter um fato irrefutável. De acordo com a Sociedade, em 1918, Jesus Cristo teria inspecionado a cristandade, para ver quem estava ministrando o correto alimento bíblico. O resultado foi que na Primavera de 1919, Cristo teria escolhido a Sociedade Torre de Vigia, nomeando seus dirigentes (o Corpo Governante) como “servo bom e fiel”, em cumprimento

de Mateus 24:45-47. As demais igrejas da cristandade “caíram completamente do favor de Deus”, foram declaradas Babilônia e condenadas à destruição.⁴ Assim, afirmam que a organização é teocrática e que os ensinamentos do Corpo Governante são os ensinamentos do próprio Deus.

A ideia de “organização teocrática de Jeová” é tão poderosa que move tudo o que pensam e fazem as testemunhas de Jeová. Dependem da Sociedade, tanto para entender a Bíblia,⁵ como para encontrar salvação.⁶ Por isso, o confronto direto pode exercer pouco impacto em um jeovista, pois ele se vê como súdito de Jeová; e o confrontador, servo de Babilônia. A menos que a testemunha de Jeová perca a confiança na Sociedade Torre de Vigia, o trabalho de alcançá-la pode ser pouco frutífero.

Anos polêmicos

Onde se origina a importância do ano 1918 para as testemunhas de Jeová? Não sendo nosso objetivo estudar aqui a validade profética do ano 1918, basta sabermos que essa data é contada a partir de 1914, ano em que, segundo afirmam, Cristo veio, invisivelmente, pela segunda vez.⁷ Isso envolve um grande problema para os jeovistas porque, mesmo supondo que a contagem entre as duas datas esteja correta, eles precisam explicar os vazios da data de 1914.

O ano 1914 é apoiado na ideia de que a árvore de Daniel 4 é uma profecia de interpretação dupla. A primeira, para Nabucodonosor; e a outra, para o reino de Deus, conforme representado nos reis de Judá. Os sete tempos da árvore derrubada seriam 2.520 anos contados desde a queda de Zedequias, em 607 a.C., até 1914, ano em que Jesus Cristo teria sentado para sempre no trono de Jeová.⁸

Essa interpretação está errada, bíblica e historicamente. Primeiramente, não há maneira de sustentar que Daniel 4 seja uma profecia de interpretação dupla. A predição foi cumprida do início ao fim com Nabucodonosor (Dn 4:20-28, 33, 34,

37). Em segundo lugar, as evidências históricas mostram que Zedequias não caiu em 607 a.C., mas em 586 a.C.,⁹ ou seja, uns 20 anos depois da data defendida pelos jeovistas. Isso significa que se a interpretação de Daniel 4 estivesse correta, Cristo teria voltado em 1935, e não em 1914, o que deixa no ar as datas de 1918 e 1919 como os anos da inspeção e da nomeação do “servo bom e fiel”.

Inspeção à luz dos fatos

Esse não é o único problema enfrentado pela Sociedade Torre de Vigia, porque mesmo que validássemos o ano 1918, uma análise dos motivos pelos quais Jesus Cristo teria escolhido esse grupo como Sua organização verdadeira, torna improvável a ideia. De acordo com a Sociedade, “Jesus, o Senhor, inspecionou este ‘servo’, em 1918, viu que estava cumprindo fielmente seu dever de ministrar ‘o alimento no tempo apropriado’, de modo que com muito prazer o nomeou ‘sobre todos os Seus bens’”.¹⁰

Tendo em mente que o “alimento” representa os ensinamentos da Sociedade, Dom Cameron tem razão ao afirmar que qualquer decisão feita por Jesus estaria “fundamentada unicamente no que eles haviam ensinado até 1919”.¹¹ Sendo assim, surge uma pergunta: Como Cristo pôde ter escolhido a Sociedade Torre de Vigia, se muitos dos ensinamentos que a organização pregava e sustentava até essa data, foram posteriormente repudiados e abandonados, por terem sido considerados errados?

Quando as testemunhas de Jeová são confrontadas com as mudanças doutrinárias de sua organização, afirmam que isso se deve ao fato de que, hoje, a Sociedade adquiriu “maior luz”. Porém, quando essas mudanças são analisadas à luz da inspeção de 1918, há sérias implicações a respeito de sua identidade como povo escolhido. Porque se o que ensinam hoje é verdade, o que ensinaram até 1919 era mentira; de outro modo, não afirmariam ter hoje “maior luz”.¹² Se o

que era ensinado até 1919 era “alimento apropriado ao tempo”, muito do que atualmente ensinam deve ser errado; senão Jesus Cristo jamais os teria escolhido.

Exemplos confusos

Os exemplos seguintes mostram o tipo de “alimento” errado que a Sociedade Torre de Vigia ensinava e que Cristo deveria ter revisado na suposta inspeção de 1918:

■ Em 1919, ensinavam que Cristo havia voltado de maneira invisível em 1874.¹³ Foi somente na década de 1930 que a Sociedade percebeu que Cristo havia retornado em 1914 d.C.

■ Em 1935, o ensino era que Jesus teria assumido o reino em 1878, efetuando a ressurreição dos mortos, e que em 1915, acabaria com o anarquismo, isto é, o fim das “instituições no mundo”. Atualmente, afirmam que essas datas estiveram “fundamentadas em equívocos”.¹⁴

■ Posteriormente, preconizaram o desaparecimento das repúblicas da Terra no outono de 1920.¹⁵ Porém, nada aconteceu.

■ Até 1936, criam que Cristo teria morrido em uma cruz, imagem que aparecia impressa nas publicações da Sociedade.¹⁶ Hoje, afirmam que a cruz é um símbolo pagão.

■ Até 1926, o Natal era celebrado pelos jeovistas.¹⁷ Atualmente, dizem que se trata de uma festa pagã.

■ De 1918 até 1925,¹⁸ lançaram a famosa campanha denominada “Milhões que agora vivem jamais morrerão”. Antes que terminasse o ano 1920, afirmaram que o fim aconteceria em 1925, ocasião em que Abraão, Isaque, Jacó e outros patriarcas do Antigo Testamento ressuscitariam. Mais uma vez, nada aconteceu.

■ Em 1917, ensinavam que “o Alfa e o Ômega” de Apocalipse 1:8; 21:6 e 22:13 era Jesus.²¹ Afirmavam que o Deus adorado em Apocalipse 19:4 era Jesus Cristo.²² Porém, hoje consideram blasfêmias tais afirmações. O Alfa e o Ômega são o Pai, e somente Ele pode ser adorado.²³

■ Até essa data, foram publicadas coisas curiosas como, por exemplo: “Miguel e Seus anjos” (Ap 12:7) representam o Pai e os bispos. Naum 2:3-6 descrevia uma locomotiva com condutor, fogueira e cobrador de ingressos. Havia evidência para o estabelecimento do reino na Palestina em 1925. A Terra tinha sido criada havia 48 mil anos. O anjo de Apocalipse 18 era a Sociedade Torre de Vigia e que o incensário era o livro *The Finished Mystery*. A distância de 1.600 estádios de Apocalipse 14:20 era a distância entre o lugar em que foi escrito esse livro (em Scranton, Pennsylvania) e o lugar em que foi impresso. O Beemote (Jó 40:15-24) era a máquina a vapor fixa; e que o leviatã (Jó 41:2-19) era a locomotiva.²⁴

Teria sido possível que Cristo tivesse revisado esse “alimento” contaminado com ensinamentos pagãos, conforme consideram hoje esses ensinamentos e algumas práticas anteriores, consideradas absurdas, e, ainda assim nomeado “com muito prazer” a Sociedade Torre de Vigia como a única religião verdadeira? Hoje, qualquer testemunha de Jeová poderia ser disciplinada e expulsa da organização, caso afirmasse que Cristo morreu em uma cruz, ou celebrasse o Natal. Porém, como foi possível que durante 17 anos depois de 1919, Cristo tolerasse que as publicações de Seu “servo bom e fiel” continuassem mostrando o símbolo “pagão” da cruz, ou suportasse durante mais sete anos o festejo da festa “pagã” do Natal, quando a escolha foi fundamentada no “alimento” correto que a Sociedade ministrava a seus adeptos?

Engano versus sinceridade

Esses exemplos mostram a confusão em que a Sociedade Torre de Vigia tem vivido durante a maior parte de sua história e da qual gostaria de sair. Porém, lembremo-nos: Jesus Cristo não fez a suposta escolha tendo como base o que a Sociedade ensina hoje, mas o que ensinava em 1919. É bem verdade que as testemunhas de

Jeová ainda mantêm alguns ensinamentos anteriores a 1919. Porém, se a permanente rejeição da Trindade determinou sua escolha, elas não têm melhores razões que os cristaldelfianos para terem sido escolhidas; porque esses últimos, apesar de seus erros, em 1919, também rejeitavam a Trindade, a imortalidade da alma e evitavam o serviço militar.

Ainda que a Sociedade Torre de Vigia mostre ser uma organização forte, com estrutura sólida e impressionante, não é mais que uma corporação religiosa de feitura humana. Na falta de uma razão válida para sua existência, tem assumido uma identidade e uma missão que não lhe correspondem. A Sociedade não apenas tem que lidar com uma cronologia insustentável para 1914, mas, tem como fato consumado a veracidade dessa data. Além disso, os fatos tornam fictícia a ideia de que Jesus Cristo os escolheu como Seu único e verdadeiro povo.

Muitas testemunhas de Jeová são pessoas sinceras que amam a Deus. Elas têm aprendido que os ensinamentos da organização procedem de Jeová e devem ser aceitos prontamente. Poucos entre os jeovistas são levados a refletir sobre a legitimidade da organização à luz de 1914 e 1918/1919. Por isso, estudar a validade dessas três datas é a melhor maneira de iniciar um trabalho em favor deles. Temas controversos, como Trindade, sangue, entre outros, devem ser adiados, porque o objetivo inicial deve ser ajudá-los a abandonar sua confiança na Sociedade Torre de Vigia, depositando-a diretamente na Bíblia.

Ao nos aproximarmos dessas pessoas, devemos seguir o método de Cristo, tratando-as com amor e respeito, lembrando que também são candidatas ao reino de Deus. Jamais devem ser consideradas inalcançáveis. A verdade é que, se mais adventistas trabalhassem de maneira inteligente, fervorosa e paciente com elas, mais testemunhas de Jeová abraçariam a verdade. Se assim não fosse, a família de Betsy não esta-

ria hoje nas fileiras do adventismo. Depois de muitas controvérsias, tive a alegria de batizá-la com o esposo. Hoje, Alfredo é líder na igreja da cidade onde os conheci.

Estou convencido de que entre as testemunhas de Jeová Deus tem um povo que também necessita ouvir o misericordioso chamado: “Saíam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!” (Ap 18:4). ▀

Referências:

¹ *Los Testigos de Jehová: Proclamadores del Reino* (Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1993), p. 43, 44.

² *Anuário de los Testigos de Jehová, 2012*

(Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 2012), p. 54.

³ *Los Testigos de Jehová: Proclamadores del Reino*, p. 708, 716, 715.

⁴ *Apocalipsis! Se Acerca su Magnífica Culminación!* (Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1988) p. 31, 32, 63, 260.

⁵ *La Atalaya*, 15/03/1968, p. 167.

⁶ *Ibid.* (edição inglesa), 15/11/1981, p. 21.

⁷ *De Paraíso Perdido a Paraíso Recobrado* (Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1959), p. 173, 174.

⁸ *Qué Enseña Realmente la Biblia?*, p. 215-218.

⁹ Raymond Franz, *Crisis de Conciencia* (Barcelona: Editorial Clie, 1993), p. 29, 30.

¹⁰ *La Atalaya*, 15/01/2008, p. 34.

¹¹ Dom Cameron, disponível em <https://sites.google.com/site/examinandolawatchtower/descargas-2/CautivosdeunConcepto%62DonCameron%28Espa%C3%B1ol%29.pdf?attredirects=&d=1> (acessado em

25/06/2012).

¹² *Los Testigos de Jehová: Proclamadores del Reino*, p. 708, 709.

¹³ *The Finished Mystery* (Brooklyn, NY: International Bible Students Association, 1918), v. 7, p. 54, 60, 68, 167, 377.

¹⁴ *Los Testigos de Jehová: Proclamadores del Reino*, p. 132-134, 632, 633.

¹⁵ *The Finished Mystery*, p. 258.

¹⁶ *Los Testigos de Jehová: Proclamadores del Reino*, p. 200.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*, p. 163.

¹⁹ *Thy Kingdom Come*, (Allegheny, PA: Tower Publishing, 1891), v. 3, p. 315.

²⁰ *La Atalaya* (edição inglesa), 15/11/1928.

²¹ *The Finished Mystery*, p. 15, 112, 318, 336.

²² *Ibid.*, 290.

²³ *Razonamiento a Partir de las Escrituras* (Brooklyn, NY: Watchtower Bible and Tract Society, 1985), p. 212, 405, 406.

²⁴ *Ibid.*, p. 188, 93, 128, 139, 145, 230, 84, 85.

Devocionais 2013



DEVOCIONAL DAS CRIANÇAS
CONVERSINHAS COM DEUS

INSPIRAÇÃO JUVENIL
VOLTA AO MUNDO EM 365 DIAS

MEDITAÇÕES DIÁRIAS
PERTO DO CÉU

MEDITAÇÃO DA MULHER
RENOVA-ME

Ligue
0800-9790606*

Acesse
www.cpb.com.br

Ou dirija-se a uma das livrarias da CPB
Consulte a relação de endereços no site www.cpb.com.br



@casapublicadora

cpb.com.br/facebook

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h. Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

FRUTT'S KROC A FRUTA COMO VOCÊ NUNCA VIU EXPERIMENTE!



 **FRUTA**
SELECIONADA



Fonte de
Vitamina



Rico em
Fibras

SELECIONAMOS COM MUITO CARINHO AS MELHORES MAÇÃS DOS POMARES; DESIDRATAMOS E ADICIONAMOS UM TOQUE DE CANELA, GERANDO UM SABOR IRRESISTÍVEL. EXPERIMENTE!

Vegetale

GELÉIAS

Amend's

PROTEÍNAS

CEVADA

SUCOS
INTEGRAIS

Soy
Good

MELVILLE

Frutt's

MELADO
DE CANA

Glug's

Frutt's
Kroc

Qualidade de vida é
Superbom

www.superbom.com.br

Pastor jubilado,
ex-editor de *Ministry*

Pastoreando na luz

Duas coisas essenciais em nosso trabalho em favor de pessoas pelas quais Cristo deu a vida

Alguns anos atrás, nossa família foi golpeada pela realidade de que meu pai estava morrendo, vítima de uma agressiva forma de melanoma. O câncer estava em avançado estado de metástase e não havia muita coisa que pudesse ser feita, além de tratamentos paliativos. Naquela época, meus pais moravam no andar térreo de minha casa; e me lembro do que isso representou para mim quando meu pai começou a aceitar a inevitabilidade do que estava acontecendo a ele.

Certa tarde, cheguei do trabalho e desci para cumprimentá-lo. Como sempre, ele estava sentado em sua cadeira preferida na sala de estar, junto às portas corrediças de vidro. Mas, naquele dia, ele estava como que olhando para o infinito. Notei que os livros que costumeiramente lia não estavam perto dele e, embora fosse o horário do telejornal, a televisão estava desligada.

Sentei-me ao seu lado e, tentando animá-lo, perguntei: “Como foi seu

dia, pai?” Ele ignorou a pergunta, como se não tivesse sido feita a ele, e respondeu em um desesperado sussurro: “Tudo está tão escuro! Leia alguma coisa para mim.” Isso foi totalmente estranho para mim. Imediatamente me senti tomado por uma forte onda de impotência.

Peguei seu Novo Testamento na *Nova Versão Inglesa*, que estava sobre a mesa de chá, e li poucas palavras. Quando terminei, ele pediu: “Poderia ler novamente?” Então, repeti a leitura de João 1:5: “A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram.”

Ele continuou olhando o infinito através das portas de vidro e, depois de algum tempo, pareceu iluminar-se. Então disse refletidamente: “Muito obrigado. Isso era justamente o que eu precisava!”

Necessidade comum

Naturalmente, aquele foi um memorável momento para mim; mas, com o passar do tempo, minha perspectiva sobre o que aconteceu

naquela tarde tem-se estendido. Para começar, especialmente desde que entrei na fase de aposentadoria do ministério e olho mais reflexivamente o passado, compreendo aquele profundo sentimento de impotência naquele momento em que meu pai me pediu que o ajudasse enquanto ele lutava com a morte. Frequentemente sentia a mesma coisa durante meu ministério pastoral. Em grande medida, isso foi consequência de uma doença ministerial comum: eu havia gradual e inconscientemente começado a focalizar mais as estratégias profissionais ministeriais do que as realidades espirituais do ministério cristão. O pastorado profissional pragmático tinha eclipsado grandemente a realidade do ministério no Espírito, que foi tão magnificamente modelado na vida de Jesus e no livro de Atos.

Tenho que dizer novamente: Meu ministério realmente se tornou como que dependente de questões relacionadas a fazer alguma coisa, ou estar

atualizado com os últimos ventos que embalavam a literatura teológica profissional, em vez de buscar levar a transcendente luz de Jesus Cristo, doadora de vida, às situações que eu enfrentava.

Evidentemente, ainda reconheço o papel fundamental da educação contínua e do amplo crescimento pastoral. Porém, não devemos permitir que essas coisas assumam papel dominante, muito menos dominador, em nossa vida e nosso ministério. Mesmo uma concentração desproporcional sobre o que cremos não deve obscurecer uma fé pessoal, viva. Certa vez, um bom amigo me disse: “Não deixe que nada, nem ninguém, roube sua mensagem.” Ele estava absolutamente certo. Perder a razão para estar no ministério, nossa mensagem, é igual a perdermos nosso primeiro amor (Ap 2:4); e assim perdemos muito da luz e da paixão doadora de vida que o Espírito nos infunde para nosso ministério. Essa confusão de prioridades abre as portas para o trabalho monótono, constante senso de insignificância, frustração e muitas outras indesejáveis tendências.

Esse diagnóstico de minha situação, na verdade, nossa situação coletiva, não é uma dissimulada tentativa de identificar mais uma vez um repetido e antigo mal espiritual, nem de parecer humilde. Creio que essa é uma disfunção comum e muito real nos círculos ministeriais e religiosos de nossos dias; uma disfunção para a qual estamos bem despertos, a ponto de identificar, mas não o suficiente para tratar.

Foram aquelas bem escolhidas e tranquilizadoras palavras que falaram tão profundamente e encorajaram meu pai naquele dia escuro de sua vida, ou foi a Luz a respeito da qual lemos em João 1 que realmente brilhou com tamanha intensidade e abriu o caminho por entre as trevas? A dinâmica humana certamente é significativa; mas existe algo especial nessa Luz, à medida que ela penetra nossas trevas pessoais e não pode

ser extinta independentemente de quão sinistras possam ser as coisas em nossa vida. Sim, há um mistério aqui; porém, é algo que todo pastor pode encontrar em ligação com “a Luz” de João 1:5, de modo que possa se tornar a “luz do mundo” (Mt 5:14), na vida das pessoas e das congregações sob seus cuidados. A ideia fundamental de ser essa luz me inspira e impulsiona a desenvolver um ministério profícuo.

As implicações das palavras de Paulo soam verdadeiras para nós, como pastores, falando com força e profundidade a respeito da necessidade de algo extraordinário e transcendente em nós e nosso ministério: “Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. Por isso, vistam toda a armadura de Deus” (Ef 6:12, 13). Essas palavras e o que vem depois delas merecem cuidadosa reflexão e oração.

Espírito e luz

Eu costumava pensar a respeito de bem e mal, luz e trevas, como sendo duas coisas completamente separadas. Nestes dias, ainda vejo o mundo como um campo de batalha entre duas grandes forças. Existe uma irreconciliável hostilidade entre o bem e o mal; porém, a divisão não é tão definitiva ou visível como eu costumava pintar. Luz e trevas são mais parecidas a duas forças antagônicas envolvidas em conflito moral, batalhando no mesmo ringue até o cronômetro zerar. Sua frequentemente desconcertante interação torna possível vermos o que realmente está acontecendo dentro de nós mesmos, dos outros e no mundo. Mas é exatamente este cenário – a luta e o ringue – que a luz foi designada para iluminar. Essa qualidade da luz (ou Luz) nos ajuda a ver o que necessitamos ver, quando é notoriamente difícil fazer isso.

João nos revela um detalhe fundamental sobre os dois contendores

– luz e trevas: A luz brilha irresistivelmente. Ela ofusca as trevas e essas não têm capacidade para extingui-la. Luz e trevas existem no mesmo lugar e se encontram nas mais diretas formas, porém a luz tem uma propriedade inata que inevitavelmente, e em todas as circunstâncias, vence as trevas, mesmo que aparentemente seja percebido o contrário. Porém, devemos tratar com outra realidade que está intimamente ligada ao que tem sido dito há muito tempo: a promessa e a presença do Espírito no aqui e agora do ministério.

Os quatro evangelhos podem ser destacados e até mesmo separados das realidades do livro de Atos. Mas, quando olhamos o Novo Testamento, há um maravilhoso todo teológico e experimental. Os evangelhos descrevem o nascimento, vida, ensinamentos, morte, ressurreição e ascensão de Jesus. O livro de Atos descreve o intencionalmente poderoso dom e o efetivo trabalho do Espírito Santo na vida e no ministério da igreja cristã no primeiro século. Vemos claramente que existe uma inseparável inteireza entre o trabalho de Jesus e o do Espírito Santo. Ao lermos o modo particular através do qual Paulo escreve sobre essas realidades, torna-se claro que ele percebe essa profunda unidade e nela se gloria.

A beleza de Cristo e a extremamente significativa promessa do Espírito em João 14-17 se ajustam perfeitamente aos dois primeiros capítulos do livro de Atos. Tudo isso representa um chamado para que, cada dia, enternecidamente oremos, busquemos e clamemos a Deus por um Pentecoste em nosso ministério.

Significado

Mas, o que tudo isso tem que ver com o ministério e o envolvimento diário do pastor na batalha cósmica? O que a presença desse Espírito e dessa Luz nas trevas significa para os pastores, especialmente enquanto eles se relacionam com as pessoas?

Em sua essência, significa que, embora haja dor, angústia, temor, tristeza, corrupção, confusão, pecado

e morte, também há um inextinguível amor, subjacente poder de cura, paz, coragem, alegria e beleza, também disponíveis aos mais miseráveis e desgastados entre nós. Mesmo no contexto do inferno, o Céu está à mão, mesmo que pareça o contrário. Isso significa que “Deus nela está! Não será abalada! Deus vem em seu auxílio desde o romper da manhã” (Sl 46:5). Sim, é uma realidade maravilhosamente bela quando o Senhor proclama: “Eu sou a Luz do mundo”. No fim, não há substituto para esse mais elevado pináculo da verdade.

Também significa – e aqui nos aproximamos do epicentro prático desta reflexão – que há muito mais do que nossos olhos podem perceber, quando olhamos nosso mundo através dos olhos dos nossos semelhantes. Quando olhamos os outros em qualquer situação, quer seja idílica ou terrível, há muito mais do que parece ser, mesmo aos olhos de um pastor experiente. Significa que em cada pessoa há muito mais que nossas precipitadas avaliações insistem em nos apresentar.

De toda ênfase dada pelo Novo Testamento à Luz e ao trabalho do Espírito Santo, está claro que a Luz e o Espírito não estão aqui apenas para nos iluminar teologicamente, mas para nos habilitar a ver mais claramente os aspectos da realidade que nos tornará melhores pessoas, melhores pastores, melhores servos e melhores em nossos relacionamentos. A Luz não está aqui apenas para iluminar a face de Deus, embora essa seja a virtude essencial de Jesus Cristo (Jo 14:9). A Luz veio ao mundo para iluminar minha compreensão sobre meus semelhantes e minha identificação com eles. No amor a Deus e aos semelhantes, que realmente é um todo monolítico, residem a lei e os profetas (Mt 22:40). É a Luz do misericordioso amor e abundante graça que faz toda diferença. Como disse João, é a Luz cheia “de graça e de verdade” (Jo 1:14).

Assim, as pessoas que pastoreamos não são simplesmente pacien-

tes em um quarto de hospital. Entre essas estão o tesoureiro que nos dá trabalho na comissão da igreja, o legalista que nos olha friamente, enquanto nos esforçamos para partilhar o bálsamo do evangelho, o liberal que nos acha desatualizados, o concorrente religioso externo lutando para esvaziar nossas reuniões evangelísticas, o reformador obsessivo cujo entusiasmo constantemente precisamos aplacar, ou a pessoa que parece sugar nossa vida e cujo telefonema tememos. Todas as nossas percepções sobre “nosso” povo não são quadros completos, e a Luz do Espírito tem um modo maravilhoso de iluminar o caminho para o coração de todas as pessoas.

“Cristo veio ao mundo
para iluminar nossa
compreensão sobre
nossos semelhantes
e nossa identificação
com eles”

Além das aparências

Tenho recebido alguma influência da obra de Philip Newell, que descreve uma cena de *King Henry VI* de Shakespeare, na qual a condessa francesa de Auvergne prende o lorde inglês Talbot na casa dela e proclama triunfantemente que ele está em seu poder. A isso, Talbot responde: “Não. Você está enganada, madame. Minha essência não está aqui; pois o que você vê é apenas a menor parte, a mínima proporção da humanidade.” Parafrazeando Newell, podemos dizer que “o que nós vemos em nossos irmãos e semelhantes é apenas a menor parte, a mínima proporção da humanidade”. Esse é um truísmo e revela a limitação que nós pastores tendemos a viver cada dia de nossa vida.

Newell continua dizendo que nós tendemos a ver-nos e ver um ao outro em termos do que pode ser visto, ouvido, definido ou mensurado.

Somos muito aptos para medir com instrumentos afiados que nos são mais familiares, o contexto cultural no qual crescemos, e em termos de referências que nós empregamos à revelia. Sabemos os critérios que, às vezes inconscientemente, tão rápida e facilmente empregamos em nossa interação com as pessoas. Essas convenções limitantes têm sua forma de eclipsar não apenas nosso verdadeiro eu, mas especialmente o verdadeiro eu da outra pessoa com quem nos encontramos nas diversas situações; particularmente se essa pessoa não nos é muito agradável ou estamos em conflito com ela.

Susan Boyle era uma mulher de aparência muito comum, que veio a se tornar uma sensação depois de participar de um programa de calouros na TV inglesa. Enquanto ela se dirigia ao palco, todas as pessoas da plateia se entreolhavam e cochichavam incrédulas. Seu olhar perplexo e duvidoso parecia perguntar: “Quem é esta que está vindo ao palco?” Os três juízes olhavam embaraçados e desdenhosos.

Então, ela começou a cantar o magnífico *Les Misérables*. Naquele momento, Susan Boyle foi transformada aos olhos da plateia. Todos se esqueceram de seu desalinho. Entusiasmados, aplaudiram de pé. Os juízes, momentaneamente, emudeceram. Sempre existe algo mais, em tudo e todos.

Temos o distinto privilégio de desenvolver nosso ministério diário na luz do Espírito. Acredito piamente que há um chamado divino para que realizemos diariamente nosso trabalho no Espírito Santo e na luz de Jesus Cristo. Ministrando na Sua Luz e na força do Espírito revitalizará nossa vocação e nos habilitará para ajudar efetivamente as ovelhas que nos foram confiadas, confortando-as, animando-as, inspirando-as, infundindo esperança e apontando caminhos para a solução de seus dilemas. Então nosso pastorado terá o significado pelo qual todos nós ansiamos. ▀



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Espiritualidade bíblica

“Cristo sabia que devia fortalecer Sua humanidade pela oração. Para que fosse uma bênção aos homens, precisava comungar com Deus”

Nos últimos dias de 2009, tive oportunidade de assistir a um culto na capela do Seminário Teológico da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan. Ao receber o programa impresso, notei que não incluía pregador. Apenas música – boa música, intercalada com ocasionais leituras da Bíblia e curtos testemunhos. O serviço de cânticos incluía hinos e cânticos de louvor que focalizavam o poder, amor e a majestade de Deus. Gosto de pregar e gosto de ouvir pregação, mas, naquele dia, isso não aconteceu. Houve apenas música, testemunho e a Palavra. Nesse contexto simples, fui poderosamente atraído a um encontro pessoal com meu Deus.

Não fui àquele culto esperando reavivamento, nem compreendi plenamente por que isso aconteceu, embora eu seja cristão há muitos anos. Trabalhei como pastor de igrejas, diretor de departamento e administrador de Associação, e agora, como professor

de um Seminário, a poucos anos da aposentadoria, encontrei-me subjugado pelo senso da presença de Deus e da minha necessidade de renovação de meu relacionamento com Ele. Foi assim que me uni nos hinos de louvor àquelas duas centenas de vozes, e reconsagrei meu coração e vida enquanto tentava esconder minhas lágrimas.

Quero ser claro com respeito ao propósito de escrever esta reflexão. Não tento exaltar as possíveis vantagens de um culto simples nem valorizar a ausência de pregação como método. Desejo partilhar minha jornada de 37 anos e minha luta para manter uma autêntica espiritualidade bíblica. O que aconteceu durante os cinquenta minutos em que cantei, orei e ouvi? Não houve apelo tocante de um habilidoso pregador, nem houve um chamado profético ou encontro com a verdade, que me fisesse com o reconhecimento de minha pecaminosidade – apenas música, testemunhos e a Palavra.

Ou foi tudo isso? Acaso, poderia ser que a declaração de Jesus com respeito aos verdadeiros adoradores, em João 4, tenha encontrado ressonância em meu ser naquela manhã? Espírito e verdade! Acredito que a parte do *Espírito* da descrição de Jesus me descobriu naquele dia, por meio de um grupo de jovens estudantes que ministravam em cânticos, testemunhos e a Palavra. Não foi meramente uma experiência cognitiva da *Verdade*. O Espírito Santo me pressionou fortemente e se tornou mais que um tema de estudos ou uma Pessoa a quem invoco durante a celebração de um casamento ou batismo. O Espírito foi a presença de Deus ministrando a mim naquele dia e lembrando-me do elemento essencial da espiritualidade que deve diariamente me impulsionar para frente, assim como Jesus foi impedido (Mc 1:12) por aquela mesma presença no início de Seu ministério, na experiência do deserto.

O Espírito motivador

A vida cristã e, em particular, o ministério requerem motivação. Durante anos servi à Igreja como membro de uma equipe que procurava as melhores pessoas para trabalhar como pastores nas igrejas sob nossa jurisdição. Envergonhado, lembro-me das muitas vezes em que insisti na iniciativa própria, ou impetuosidade, como uma dimensão desejada no líder espiritual. Mas isso é tudo? Essa qualidade pode estar maculada com o “eu”. Por isso necessito de algo maior, ou seja, a motivação do Espírito que me faz levantar da cama para ministrar efetivamente cada dia, exercendo liderança em nome de Jesus. Isso nada tem que ver com o “eu”. Esse mesmo profundo e quase visceral despertamento que me tirou de outra vocação para aceitar o chamado ao ministério é a motivação interior que me impulsiona através de toda minha vida de serviço. Sem essa motivação, meu ministério, com todo seu peso de responsabilidade, já se teria desgastado e destruído.

Devo admitir que minha experiência de renovação naquele dia, na capela do seminário, não foi o primeiro reavivamento que experimentei em meus 37 anos de ministério. A tentação de me apoiar no braço da carne, às vezes se parece com o som de uma sirene que, constantemente, me chama a me afastar do Espírito com minha força. O surpreendente em tudo isso é que o mesmo Espírito me chama de volta ao fundamento sobre o qual o ministério pastoral é construído: um profundo e duradouro relacionamento com Deus.

Existe uma disciplina necessária na vida de todo cristão, que é fundamentalmente importante na vida e na liderança do pastor. A seguinte citação realça essa disciplina na vida e no ministério de Jesus: “Cristo sabia que devia fortalecer Sua humanidade pela oração. Para que fosse uma bênção aos homens, precisava comungar com Deus, suplicar energia, perseverança e firmeza. Assim Ele mostrou aos Seus

discípulos o esconderijo de Sua força. Sem essa diária comunhão com Deus, nenhuma criatura humana poderá conseguir poder para o serviço.”¹

O modelo de Jesus, como uma prática diária tem sido um desafio para mim, ao ter que cumprir agendas e responsabilidades que tão fa-

“Manter minha renovação espiritual, que é minha herança como filho de Deus, é minha responsabilidade primária”

cilmente podem se tornar desculpa para que eu persiga o que é urgente e negligencie o essencial. O poder espiritualmente nutritivo e sustentador é acessível somente através do discurso relacional com a Fonte desse poder. Minha renovação espiritual naquele dia de outono colocou em meu coração um desejo ardente de me apegar àquela experiência me proveu motivação interior para fortalecer meu compromisso com a devoção pessoal diária – não para agradar ou satisfazer as expectativas de alguém, mas para manter o poderoso senso da presença de Deus que eu experimentei naquela manhã.

Meu ser interior sempre tem resistido à manutenção da minha vida espiritual, deflagrando em mim uma luta semelhante à do apóstolo Paulo que confessou também lutar para fazer o que era o melhor e correto. “A Lei é espiritual; eu, contudo, não o sou” (Rm 7:14). Assim, a forma interna que resiste ao Espírito é e tem sido meu principal desafio para viver e liderar de maneira espiritual. Mas há também forças externas presentes em minha vida que se têm revelado causadoras de impacto negativo em meus esforços para abraçar o Espírito como minha força motivadora. Especialmente, como jovem pastor, frequentemente mantive o foco sobre a necessidade de satisfazer as expectativas impostas por outras pessoas. Meus esforços para ter acei-

tação entre meus líderes me levavam a tentar fazer sempre mais, realizar mais e ter sucesso, silenciavam a voz do Espírito em minha vida enquanto eu lutava competitivamente por alvos numéricos e seguia os produtos criativos de outros, na busca do êxito.

Liderança e espiritualidade

A discussão deste assunto exige que eu confesse a convicção de que aqueles que dirigem e apoiam o trabalho do pastor têm um papel a desempenhar no sustento da espiritualidade do pastor, como a principal força motriz na vida e no trabalho dele. Desempenhei esse papel e fui encarregado da mordomia dos pastores e respectivas famílias, durante aproximadamente a metade do meu ministério. Neste ponto de minha vida, encontro-me perguntando: O que fiz para fortalecer a disciplina da espiritualidade bíblica na vida dos pastores por cujo cuidado fui responsável?

Penso em todos os pastores recém-saídos do Seminário, jovens líderes entusiasmados que ingressaram no ministério sob meus cuidados. Inexperientes, mas cheios de entusiasmo e firmemente comprometidos a servir a Deus e Seu povo, de maneira a fazer crescer Seu reino. Estão eles ainda entusiasmados? São eles impulsionados da cama, cada manhã, pelo Espírito, com coração e mente comprometidos com os objetivos que faziam brilhar seus olhos quando eram estudantes? Acaso, pressionei-os, usando uma abordagem com base em comando e controle, a desviar o olhar e as lágrimas do Espírito que desejava cumprir Sua vontade neles e por meio deles?

O mundo tem influenciado nosso comportamento na liderança, e temo que, inconscientemente, alguns de nós nem sempre tenham apoiado a nutrição espiritual que faz do pastor verdadeiro líder. Quantas vezes temos nós, como líderes contribuído para encorajar a “produtividade” dos pastores através de recompensas externas ou extrínsecas? A avaliação

quantitativa dos pastores, por meio da celebração numérica, em um modo que compara um com outro leva a adoção de uma conduta competitiva que estorva a motivação espiritual.

Ao adotarmos um modelo empresarial ou comercial no contexto do ministério espiritual, nos arriscamos a substituir o modelo dirigido pelo Espírito, introduzido no Pentecostes, por um modelo gerencial caracterizado pela estrutura coerciva (recompensa e punição) tão familiar ao mundo comercial e corporativo. A igreja foi estabelecida para funcionar num modelo relacional, em que cada filho de Deus deve ser dotado com capacidade para ministrar (Rm 12:4-6; 1Co 12; Ef 4:7-13), transformado para produzir fruto pelo Espírito Santo (Gl 5:22, 23), motivado e capacitado pela habitação do Espírito de Deus (Jo 14:17; At 19; Ef 3:20), a fim de cumprir Sua vontade. A igreja não é uma empresa!

A tendência que surgiu no fim do século 20, de nos referirmos aos pastores como empregados nos coloca sob a tentação de tratá-los como tais. Tratar o pastor como se ele fosse um vendedor com quotas a alcançar faz surgir o mercenário (Jo 10:12) contra o qual Cristo nos advertiu. Quando tratado ou considerado empregado, a tendência natural do obreiro é migrar para um comportamento transacional – contribuição mínima, compromisso superficial e baixa criatividade. Contribuição e compromisso são substituídos pela condescendência na corrida para satisfazer as expectativas alheias. Por essa razão, o mercenário não morrerá pelas ovelhas, porque não há senso de propriedade para acender o compromisso. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas porque elas Lhe pertencem (Jo 10:11)! Quando materializamos o pastor como empregado, tiramos dele o fator propriedade.

Parece-me que temos nos esquecido de que o pastor é pago para exercer serviço, liderança e nutrição espiritual, em vez de ser remunerado pela igreja para cumprir um compromisso

transacional. O pastor não trabalha por dinheiro; ele recebe dinheiro para trabalhar! Quando o salário pastoral é entendido como pagamento por serviços prestados, encorajamos a mentalidade mercenária que limita o risco e a dedicação devidos pelo pastor a seu elevado chamado ao ministério evangélico. Alimentar o relacionamento patronal-empregatício entre o pastor e a igreja inconscientemente contribui para sufocar o Espírito como influência motivadora da efetividade pastoral.

O gerenciamento do pastor frequentemente envolve o esforço da instituição para fazer *para* o pastor o que o Espírito promete fazer *através* dele. A criatividade do pastor é substituída pelo produto criativo de especialistas que imaginam e planejam meios de ministrar *para* o pastor. Isso exerce efeito sufocante na espiritualidade do líder. Com frequência a agenda do pastor estará tão cheia de atividades que restará pouco tempo para a criatividade local. Devemos lembrar que a autoridade oferecida por Jesus (Mt 28:18-20) é distribuída aos membros atendidos pelo pastor. Não é apenas posse de líderes que pensam conhecer melhor o que o pastor e a igreja necessitam.

Notemos o seguinte conselho: “Liderar pessoas envolve colocar responsabilidades sobre outros e lhes permitir imaginar, planejar e executar... Não os eduquem a descansar sobre seu julgamento. Os jovens devem ser treinados para ser pensadores.”²

Ellen G. White deu esse conselho há pouco mais de 100 anos e, embora muitas vezes seja ignorado, ele permanece como poderosa declaração de apoio para permitir que o Espírito Santo influencie diretamente o trabalho do pastor, em termos de criatividade e planejamento. Na verdade, ela continuou essa linha de pensamento ao advertir: “há homens que poderiam ser hoje homens de larga visão, sábios, homens em quem se poderia confiar, e que tais não são, por terem sido educados para seguir os planos de outro homem. Eles têm permitido

que outros lhes digam precisamente o que devem fazer e se têm tornado anões no intelecto. Sua mente é acanhada e não podem compreender as necessidades do trabalho”³.

Alimentar e honrar o Espírito de Deus em minha vida é essencial, assim como é na vida e no trabalho de todo pastor. Não podemos liderar em uma direção que cumpra a vontade de Deus neste mundo, se aplicarmos métodos e meios que deixam de lado o Espírito Santo. A manutenção de minha própria renovação e do dom da espiritualidade bíblica, que é minha herança como filho de Deus, é minha responsabilidade primária. Alimentar e honrar o trabalho do Espírito Santo na vida daqueles aos quais ministro nesta igreja se constitui a tarefa mais importante que tenho diante de mim. Sou chamado para fazer discípulos que se tornarão líderes espirituais em sua comunidade de fé.

Espiritualidade nutrida

Seria maravilhoso se eu desperdesse em alguma bela manhã e descobrisse que a obra do Espírito já não enfrenta resistência pela força interior da minha natureza caída. Seria um dia de libertação aquele em que eu percebesse que toda força externa que me encoraja a lançar mão do braço da carne tivesse desaparecido de minha vida. Mas esses desejos ainda não se tornaram reais para mim.

Provavelmente, nutrir minha espiritualidade seja a tarefa que me ocupe pelo resto da vida. Devo eu ser desencorajado por essa perspectiva? Acho que não. O Espírito que inesperadamente me sacudiu naquela manhã de outono em 2009 me sacudirá novamente, despertando-me. Por isso, dou graças a Deus. Eu O louvo por Sua vigilância em me lembrar da necessidade que tenho dEle. “Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito” (Gl 5:25). ▀

Referências:

¹ Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 323.

² _____, *Christian Leadership*, p. 43.

³ _____, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 303.



Diretor do Centro White do Unasp, Engenheiro Coelho, SP



Concluinte da Faculdade Adventista de Teologia do Unasp

Ascensão e queda de um líder

A triste história de Ludwig Conradi e as lições que podemos aprender

Ludwig Richard Conradi foi o mais destacado líder da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa, durante os anos 1890 a 1930. Ele assumiu a direção da Igreja em um estado embrionário e desenvolveu uma estrutura organizacional capaz de manter desenvolvimento próprio e também apoiar sua expansão em outros países.

Sendo mentor desse extraordinário progresso, Conradi contava com a confiança de seus subordinados e a simpatia da liderança mundial da Igreja. Era também dedicado estudioso de questões doutrinárias. No entanto, com o passar do tempo, começou a se distanciar das interpretações doutrinárias adventistas. Finalmente, uma série de insubordinações à liderança denominacional fez com que Conradi se tornasse amargurado e apóstata. Decepcionado, ele usou sua influência para atacar a compreensão adventista da doutrina do Santuário e criticar o ministério profético de Ellen G. White.

Ministro capaz

Conradi nasceu em 1856, em Karlsruhe, Alemanha. Seu empenho e afeição pelo aprendizado de línguas cativaram a atenção dos pais e, certamente seria um clérigo católico se não tivesse perdido o pai, ficando impossibilitado de custear os estudos. Isso o levou para os Estados Unidos, quando tinha 17 anos. Ao chegar nesse país, passou seis anos buscando emprego em diversas cidades, até que, ao trabalhar em uma fazenda no estado de Iowa, conheceu e aceitou a mensagem adventista.

Juntando economias e contando com o apoio da igreja local, foi para o Battle Creek College onde, trabalhando como tipógrafo, conseguiu concluir o curso teológico em um terço do tempo estimado. Naquela época, Tiago White, presidente da Associação Geral, o convidou para ser seu secretário pessoal, mas Conradi desejava atuar diretamente na pregação do evangelho. Respeitando essa decisão, o pastor

White lhe deu alguns cartazes proféticos, incentivando-o na busca da concretização do sonho missionário. Conradi começou a trabalhar entre imigrantes alemães nos Estados Unidos. Em cinco anos, várias igrejas foram organizadas e mais de 700 pessoas aceitaram a mensagem.¹

Em 1883, a Igreja Adventista na Europa perdeu seu líder, J. N. Andrews, ficando carente de alguém capaz de falar diferentes idiomas e de romper as barreiras culturais. Assim, em 1886, tendo-se revelado um evangelista de êxito, e também por sua origem, Conradi foi enviado ao campo missionário europeu.

Desafios

Ao chegar à Europa, Conradi atendeu ao pedido de um vendedor itinerante de Bíblias, para que visitasse interessados na Rússia. Conradi o acompanhou até a Crimeia, e trabalhou livremente até que o batismo de 40 pessoas e a organização de uma igreja despertaram a oposição das

autoridades locais. Durante 40 dias, os dois homens ficaram encarcerados, sendo libertados graças à intervenção do embaixador norte-americano, um ex-paciente do Sanatório de Battle Creek.

Conradi passou então a trabalhar na Alemanha, que tinha apenas algumas dezenas de adventistas. “Dentro de cinco anos, foram organizados um instituto de treinamento para colportores e obreiros bíblicos, uma missão urbana e um complexo de publicações em Hamburgo.”² Em 1890, os territórios alemão e russo ficaram sob sua liderança. Conradi entendeu que a colportagem era a estratégia perfeita para conquistar a Europa, especialmente onde a liberdade religiosa era restrita.³

Não demorou muito, a igreja na Alemanha passou a se sustentar financeiramente e pôde financiar obreiros para alguns campos missionários. Seu primeiro representante veio para o Brasil em 1895.⁴ Nessa época, Conradi acumulava uma série de funções, batizando pessoas, organizando igrejas, traduzindo livros, além dos trabalhos administrativos,⁵ sempre mantendo um ritmo acelerado nas atividades, dormindo apenas três a quatro horas por noite.⁶

Por volta de 1900, a igreja na Alemanha estava bem estruturada e apoiando campos missionários. Contando com uma igreja de apenas quatro mil membros batizados, Conradi entendeu que o predomínio da Alemanha sob suas colônias africanas não podia ser desperdiçado. Após contornar dificuldades burocráticas e contatar funcionários de alto escalão do governo, ele conseguiu apoio e liberdade para trabalhar nas colônias alemãs.⁷

Mudança de rumo

Quando chegou ao continente europeu, em 1886, Conradi foi para a Suíça onde encontrou Ellen G. White, acompanhou-a em algumas viagens e foi tradutor dela em várias ocasiões. Numa ocasião em que ele foi preso na Crimeia, ela lhe enviou

uma confortadora carta: “Querido irmão... Podemos ver agora mais claramente algumas das dificuldades que existem no caminho daqueles que querem obedecer a Deus... Mantenha a coragem... Nós cuidaremos de sua esposa e de sua criança de maneira especial... Não nos esqueçamos de você e temos apresentado seu caso ao mais elevado tribunal.”⁸

Alguns anos depois do início do trabalho na Europa, Conradi escreveu para Ellen G. White, fazendo uma confissão: “Embora meu desejo fosse trabalhar por união, nem sempre eu tinha o sentimento correto para com a sua pessoa.”⁹ É importante mencionar que, alguns anos antes do batismo de Conradi, em Iowa, um movimento dissidente se havia levantado contra o trabalho do casal White,¹⁰ o que contribuiu para que ele despertasse preconceitos contra o casal White, antes mesmo de conhecê-lo.¹¹

Ellen G. White fugia do modelo alemão de uma boa dona de casa –restrita apenas às atividades domésticas. Para Conradi, era difícil tolerá-la tomando parte nas reuniões da Igreja, influenciando decisões e, às vezes, repreendendo líderes.¹²

Em 1888, na assembleia de Mineápolis, Conradi se posicionou ao lado dos que rejeitaram as exposições de Waggoner e Jones sobre justificação pela fé, sendo considerado um dos críticos mais ferrenhos da dupla.¹³

Porém, três anos depois, pediu perdão à Sra. White e confessou que, ao se dirigir a Mineápolis, estava experimentando profunda crise espiritual. Escreveu ele: “Esperei ser ajudado, mas a reunião de Mineápolis somente adicionou escuridão. Suas palavras se provaram verdadeiras em meu caso. Tentei superar através do trabalho, o que por vezes ajudou... mas a escravidão continuou. Posso agora apreciar suas admoestações do passado e ver luz onde antes via trevas.”¹⁴

Estando na Austrália, Ellen G. White lhe enviou uma carta com advertências pessoais, repreendendo-o por um pecado que resultou na per-

da de suas funções administrativas. Então, ele deixou a Alemanha e foi apoiar alguns campos missionários.¹⁵ Em 1897, enquanto viajava pela Rússia, Conradi escreveu para ela, dizendo estar agradecido “a Cristo, o qual provou ser um amigo fiel e meu Sumo Sacerdote... Não quero arruinar Seu trabalho [de Deus] por causa do passado... estarei satisfeito se você tiver alguma luz ou exortação e conselho”.¹⁶

Apesar disso, Conradi passou a duvidar de citações do livro *Primeiros Escritos* que não se harmonizavam com o entendimento dele sobre o termo “diário” (Dn 8:12), e a entender que as três mensagens angélicas foram proclamadas por Lutero, o que desconsiderava a importância do movimento milerita e a origem do adventismo. Imaginou que havia diferentes níveis de inspiração e que nem tudo o que Ellen G. White escrevia precisava ser considerado totalmente inspirado. Com o tempo, essa concepção o levou a considerar que pouco do que ela havia escrito era de fato inspirado, concluindo que ela não era profetiza verdadeira.

Em 1901, Conradi foi eleito presidente da Divisão Europeia e, em 1903, agregou a função de vice-presidente da Associação Geral.¹⁷ Até então, ninguém havia notado seus desvios teológicos. Ao que tudo indica suas opiniões não eram percebidas pela liderança da Igreja, e ele passou a disseminar suas ideias e minimizar o trabalho de Ellen G. White, numa tentativa de “salvar”¹⁸ a Igreja da influência dela.

Em 1914, sua oposição já se havia tornado mais firme e declarada: “As chapas [para impressão do livro] *Atos dos Apóstolos* chegaram, mas eu me senti desanimado quando via a página do título e sobre ela a Sra. Ellen G. White... A Europa tem grande aversão a escritos religiosos e teológicos de mulheres.”¹⁹

Rompimento

A primeira guerra mundial, em 1914, surpreendeu a Igreja na Alemanha, sem orientação de como

proceder com as questões de porte de armas e guarda do sábado. A comunicação com a sede americana se tornou difícil. Assumindo autonomia em relação ao restante da igreja mundial, os líderes alemães informaram oficialmente ao Estado alemão que os adventistas portariam armas e prestariam serviço militar aos sábados.²⁰

Após o fim da guerra, uma delegação da Associação Geral foi à Alemanha, com o objetivo de resolver os equívocos. Boa parte dos líderes reconheceu o erro, mas Conradi ficou irredutível, dizendo ter tomado a decisão certa, segundo as exigências das circunstâncias.²¹ Em 1922, depois de presidir a Divisão Europeia por 22 anos, foi substituído pelo pastor L. H. Christian. Ofendido com a mudança, declarou: “Isso é demais para suportar; fazer tal coisa a um pioneiro maduro que construiu tudo por si mesmo, e agora tudo é dado a um jovem, rapaz inexperiente...”²²

Nos anos seguintes, Conradi passou a escrever livros atacando a doutrina do santuário e buscando criar uma identidade independente para a Igreja europeia, em relação ao restante do mundo. Em 1931, líderes da Europa e da Associação Geral procuraram se reconciliar com o desgostoso pioneiro e convencê-lo do erro de suas ideias, mas ele se mostrou inflexível. No entanto, sua credencial foi mantida, sob o pacto de ele não mais atacar as doutrinas nem a liderança denominacional.²³

Contudo, pouco tempo depois, Conradi quebrou o acordo e se tornou pastor da igreja batista do sétimo dia, levando consigo adventistas desgostosos. Chegou a organizar 27 igrejas batistas na Alemanha e reuniu quase 500 membros.²⁴ Conradi morreu aos 83 anos, em 1939. Pouco antes de morrer, terminou de escrever um livro atacando José Bates, Guilherme Miller, o casal White e outros pioneiros. Seu filho, médico, continuou adventista, destacando-se pela manutenção do Sanatório de Zehlendorf, Berlim, durante a segunda guerra mundial.²⁵

Triste legado

Conradi representou para a Igreja na Europa o que John H. Kellogg significou para a Igreja nos Estados Unidos.²⁶ Porém, as consequências deixadas por ele foram mais duradouras e bem mais danosas. Conradi possuía muitas capacidades, oratória fascinante e forte carisma. No entanto, a convivência com ele era difícil. Em relação a ele, a atitude das pessoas variava entre admiração e aversão. “Conradi era visto como uma personalidade patriarcal e depois de ele ter falado não havia nada mais a declarar.”²⁷

Além da influência administrativa, Conradi era também hábil político e escritor. Suas publicações somam aproximadamente 15 milhões de unidades.²⁸ Somente o comentário sobre Daniel e Apocalipse foi reimpresso 40 vezes, totalizando quatro milhões de exemplares.²⁹

Conradi também deixou forte rastro legalista. A experiência dos líderes que aceitaram a mensagem de justificação pela fé, apresentada em Mineápolis, resultou na recuperação de um adventismo doutrinariamente fragilizado. Em contraste, a atitude de Conradi impediu que sua visão administrativa se importasse com a verdade da justificação pela fé, ou se preocupasse com a correção da mentalidade legalista.

A liderança de Conradi frente à Igreja na Europa inicialmente foi avaliada apenas pelo vigor das instituições, crescimento de membros, arrecadação de recursos e envio de missionários. Porém, sua qualificação moral e os reais motivos de suas decisões determinaram os resultados de sua influência como administrador e, principalmente, como guia espiritual.

Sua experiência é reveladora do elevado risco que acompanha o depósito de livre poder administrativo sobre os ombros de um só homem. A perpetuação de um líder exclusivo permitiu a manifestação de erros que certamente seriam evitados, caso ele não fosse o único a pautar o rumo da Igreja na Europa durante tantos anos.

Conradi foi um homem extraor-

dinariamente capaz e eficiente, que poderia ser lembrado como ícone de competência na liderança adventista. Infelizmente, não foi capaz de se desvencilhar das mágoas, do orgulho e das pressuposições pessoais, o que veio a reduzir seu brilho até que se apagasse completamente.

“Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia!” (1Co 10:12). ▮

Referências:

- ¹ Fredy Grob, *Conradi and the Consequences of his Apostasy* (Monografia apresentada no curso “CH History of the Seventh-day Adventist Church”; Universidade Andrews, 1974), p. 3.
- ² Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009), p. 212.
- ³ *Ibid.*, p. 212, 276.
- ⁴ *Ibid.*, p. 276.
- ⁵ Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 6.
- ⁶ Daniel Heinz, *Adventist Heritage* 12, n° 1 (1987), p. 17.
- ⁷ D. F. Hay, *Record – Official Paper Seventh-day Adventist Church South Pacific Division*, 23?11/1991, p. 4, 5; Janet Morris, *Youth Instructor*, p. 10/01/1911, p. 5.
- ⁸ Ellen G. White, *Manuscript Releases*, v. 8, p. 411.
- ⁹ *Ibid.*
- ¹⁰ *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), ver “Marion Party”.
- ¹¹ Daniel Heinz, *Ludwig Richard Conradi: Missionar, Evangelist un Organisator der Siebenten-Tas-Adventisten in Europa* (Frankfurt, AL: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften, 1998), p. 32.
- ¹² Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 13; Richard Schwarz, *Light Bearers to the Remnant*, p. 475.
- ¹³ Le Roy Edwin Froom, *Movement of Destiny* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1971), p. 248, 259.
- ¹⁴ D. A. Delafield, *Ellen G. White in Europe* (Grantham, Lincolnshire: Stanborough Press, 1957), p. 291.
- ¹⁵ Daniel Heinz, *Op. Cit.*, p. 95, 96.
- ¹⁶ D. A. Delafield, *Op. Cit.*, p. 291.
- ¹⁷ *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), ver “Conradi, Louis Richard”.
- ¹⁸ Herbert Douglass, *Mensagem da Senhora* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 441.
- ¹⁹ Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 13, 14.
- ²⁰ Richard Schwarz e Floyd Greenleaf, *Op. Cit.*, p. 364, 365, 372.
- ²¹ *Ibid.*, p. 620.
- ²² Richard Schwarz, *Light Bearers to the Remnant* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1979), p. 476.
- ²³ Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 9, 10.
- ²⁴ Le Roy Froom, *Op. Cit.*, p. 621.
- ²⁵ L. H. Christian, *Revista Adventista*, fevereiro de 1947, p. 24.
- ²⁶ Johann Helmuth Gerhardt, *L. R. Conradi: The Development of a Tragedy* (Monografia do curso “History of the Seventh-day Adventist Church”: Universidade Andrews, 1977).
- ²⁷ Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 12.
- ²⁸ Daniel Heinz, *Adventist Heritage*, p. 22, 24.
- ²⁹ Fredy Grob, *Op. Cit.*, p. 19.

O OBSTINADO AMOR DE DEUS

Brennan Manning, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; tel. (11) 2127-4147, www.mundocristao.com.br, 124 páginas.



De acordo com Agostinho, “Deus ama tanto a cada um como se não existisse ninguém mais a quem pudesse dedicar Seu amor”. Esse pensamento inspirador marca o livro *O Obstinado Amor de Deus*, no qual o autor desfia as fibras desse relacionamento para reiterar uma realidade poderosa e comovedora: Deus nos ama de modo tão intenso e inflexível,

que jamais alguém foi capaz de conceber. Sendo tema de estudo para os remidos, pelos séculos da eternidade, há sempre “novas alturas a atingir, novas maravilhas a alcançar” quando o tema é o amor de Deus. Excelente leitura devocional.

ADORAÇÃO AUTÊNTICA

S. Joseph Kidder, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP. E-mail: sac@cpb.com.br; tel.: 0800-9790606, 128 páginas.



Adoração é um encontro com Deus, uma experiência que transforma a vida. Há quanto tempo você viveu essa experiência? Nesta manhã? Na semana passada? Não consegue se lembrar? Nas páginas deste livro você encontrará princípios que ajudarão a ter uma genuína experiência de adoração. Evidentemente, sabemos a quem devemos adorar; mas, por

que fazê-lo? Como e quando devemos fazê-lo? O que a Bíblia tem a dizer quanto ao significado da adoração na vida do cristão? Descubra neste livro as simples e profundas respostas que transformarão sua vida e lhe despertarão o desejo pela presença de Deus.

CONSTRUINDO SERMÕES BÍBLICOS

Samuel Dolzanes Kettle, Gráfica Nogueirense, Sumaré, SP. Telefone para contatos: (19)3883-7264, 364 páginas.

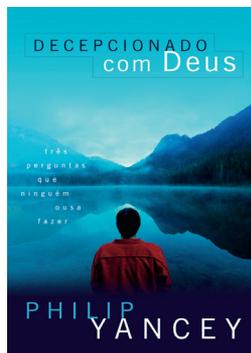


A pergunta do apóstolo Paulo: “E como ouvirão, se não houver quem pregue?” (Rm 10:14) é respondida por homens e mulheres dedicados ao estudo e exposição da Palavra de Deus, os quais têm o sagrado privilégio de alimentar o rebanho do Senhor e anunciar o evangelho a todas as pessoas. Com o objetivo de ajudar os que se dedicam a essa tarefa,

o pastor Samuel Kettle coloca à disposição o livro *Construindo Sermões Bíblicos*, como um banco de ideias e orientações para elaboração de mensagens. É altamente recomendável para seminaristas, pastores e pregadores voluntários.

DECEPCIONADO COM DEUS

Philip Yancey, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; 285 páginas.



Neste livro, Philip Yancey analisa, à luz da Bíblia, a questão do sofrimento e investiga a função da dor na formação do caráter. Humanizando a discussão, ele dá espaço até para o desabafo de quem, por não entender a justiça de Deus, se acha vítima de injustiça da parte d'Ele. Ao mesmo tempo, numa demonstração de profunda sensibilidade às passagens das

Escrituras, Yancey revê o próprio conceito do sofrimento e mostra que as provas da vida ajudam o cristão a aprofundar sua comunhão com o Senhor e compreender melhor a graça de Deus.



Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

Apaixonado pela vida

Temos atrás, minha esposa e eu fomos ao velório de Robertinho, um garoto de apenas nove anos. Queríamos expressar nossa solidariedade à mãe, consolá-la e animá-la, ela que fazia algum tempo havia perdido também o esposo. Porém, ali recebemos uma admirável lição de fé e valor.

Com voz pausada, primeiramente a senhora nos contou como tinha sido o acidente. Poucas palavras bastaram para descrever o quadro: Numa noite escura e chuvosa, o menino cruzou a rua escorregadia e, de repente, o golpe fatal do automóvel. O motorista fugiu. Sem expressar amargura, com muita serenidade, nos disse: “Estou segura de que Roberto estava pronto para enfrentar a morte. Quando Cristo vier muito breve à Terra, irá ressuscitá-lo. Então, vamos nos reencontrar. Até aquele dia, Deus me acompanhará e ajudará.”

Saí dali caminhando lentamente. Havia algo que me causou impressão mais profunda do que a irresponsabilidade de um motorista ou a fragilidade da existência. Esse algo era a tenacidade comovedora daquela mãe crente. Era a eficácia milagrosa e terapêutica da esperança cristã, maior que a dor, mais forte que a morte.

O enfoque cristão da existência confere à vida presente um significado pleno e positivo. Jesus Cristo declarou: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10:10). Com isso, somos lembrados de que a vida tem valor imenso. Cada ser humano é filho de Deus. Cada um de nós é importante. A pessoa vale mais que coisas ou ideologias. Devemos realçar isso, em uma época em que a sociedade tende a transformar o ser humano em um dado de computador ou “numa desvalida peça de uma engrenagem ou máquina”. Porém, o ser humano vale tanto, que o Criador do Universo veio à Terra para viver e morrer a fim de resgatá-lo do pecado.

Em uma das metas rasteiras do materialismo, ou do mero prazer sensual, o cristianismo nos apresenta o desafio de cultivar um caráter nobre, altruísta e equilibrado, uma personalidade que se deleite em servir e contribuir

para o bem-estar dos semelhantes. De acordo com Ellen G. White, o grande propósito da vida é “restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação” (*Educação*, p. 15, 16).

Quando são fomentados os valores espirituais, a existência é constantemente enriquecida com mais amigos, maior satisfação, mais felicidade. Ao darmos prioridade ao que é espiritual, temos inclusive assegurada a obtenção dos bens materiais que tanto nos preocupam: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Outro elemento eminentemente cristão que torna mais formosa e completa a vida é o perdão. Todos nós cometemos erros; por isso, necessitamos perdoar e ser perdoados. A vida é demasiadamente curta para ser apenada e envenenada com rancor e sentimentos de culpa. O que dá autêntico significado à vida é enchê-la de amor genuíno, e o amor é a essência do cristianismo. Amor a Deus e ao próximo, inclusive os inimigos. Certa ocasião, li que “somente vive de verdade quem ama, e somente ama cabalmente quem tem Deus no coração”.

Através de Sua Palavra, Cristo responde claramente às perguntas fundamentais da vida, segundo definidas pelos filósofos: Que é o homem? Qual é sua origem? Qual é seu destino? Que é a verdade? Por que existe sofrimento? O que é bom e o que é mal? Qual deve ser a norma de conduta? Vivemos em um tempo de relativismo e confusão. O que queremos e necessitamos é “A” resposta e “O” caminho. Sim, vale a pena ser cristão. Somente Cristo dá ao ser humano uma vida abundante, esperança segura de eternidade. Somente Ele nos indica o caminho para realização plena e certezas fundamentais.

Sou apaixonado pela vida que Jesus me oferece. Sou apaixonado pelo ministério que dEle recebi, para anunciar o evangelho. Estou certo de que você também é um pastor apaixonado pela vida. ▀

“O ser humano vale tanto, que o Criador do Universo veio à Terra, viver e morrer para resgatá-lo do pecado”



ESTÁ CHEGANDO A

CPB

de NATAL

ONLINE

24 E 25 DE NOVEMBRO

LIGUE **0800 9790606**

ACESSE **WWW.CPB.COM.BR** OU
VISITE UMA DAS LIVRARIAS DA CPB

MOEMA
Av. Juriti, 573 – Moema
São Paulo, SP – Fone: (11) 5051-1544
E-mail: moema@cpb.com.br

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 – A1 – Sala 13
São Paulo, SP – Fone: (11) 3106-2659
E-mail: se@cpb.com.br

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
São Paulo, SP – Fone: (11) 2289-2111
E-mail: vila.matilde@cpb.com.br

UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160 – Fazenda Lagoa Bonita
Engenheiro Coelho, SP
Fone: (19) 3858-1398
E-mail: unasp@cpb.com.br

TATUÍ
Rod. SP 127, km 106 – Guardinhas
Tatuí, SP – Fone: (15) 3205-8910
E-mail: vendas@cpb.com.br

CURITIBA
R. Visconde do Rio Branco, 1.335
Loja 1 – Centro – Curitiba, PR
Fone: (41) 3323-9023
E-mail: curitiba@cpb.com.br

CAMPO GRANDE
R. Quinze de Novembro, 575
Salas 2 e 3 – Centro
Fone: (67) 3321-9463
E-mail: campo.grande@cpb.com.br

GOIÂNIA
Av. Goiás, 1.013 – Loja 1 – Centro
Goiânia, GO – Fone: (62) 3229-3830
E-mail: goiania@cpb.com.br

BRASÍLIA
SD/Sul – Bloco Q, Loja 54 – Térreo
Edifício Venâncio IV – Asa Sul
Brasília, DF – Fone: (61) 3321-2021
E-mail: brasilia@cpb.com.br

FORTALEZA
R. Pedro I, 1.120 – Centro
Fortaleza, CE – Fone: (85) 3252-5779
E-mail: fortaleza@cpb.com.br

RIO DE JANEIRO
R. Conde de Bonfim, 80, Loja A
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
Fone: (21) 3872-7375
E-mail: rio@cpb.com.br

SALVADOR
Av. Joana Angélica, 747 – Sala 401
Nazaré – Salvador, BA
Fone: (71) 3322-0543
E-mail: salvador@cpb.com.br

RECIFE
R. Gervásio Pires, 631 – Santo Amaro
Recife, PE – Fone: (81) 3031-9941
E-mail: recife@cpb.com.br